

Autor best-seller da Amazon
JHONATAS NILSON

A woman with long brown hair, seen from behind, wears a flowing white dress. She stands on a rocky outcrop, looking out over a fantastical landscape. In the distance, a large, ornate castle with multiple spires sits atop a hill. A dragon with brown and orange scales flies in the sky to the left. The scene is bathed in a warm, golden light, suggesting a sunrise or sunset. The air is filled with soft, glowing particles.

Os
SONHOS
de uma
PRINCESA



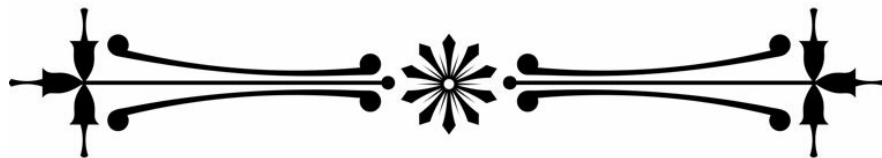


Os
SONHOS
de uma
PRINCESA

JHONATAS NILSON

Copyright © 2019 Jhonatas Nilson

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão total ou parcial, sob qualquer forma. Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.



Querido leitor,

É sempre um prazer escrever romances de época, mas também sempre um desafio.

Esta história representa um mundo totalmente novo para mim, pois não se trata apenas de um romance ambientado em outras épocas. Neste livro, você também encontrará um universo repleto de fantasia e sonhos.

Agradeço por dar uma chance a esta nova história. Espero que se apaixone pelos personagens tanto quanto eu me apaixonei. E apesar de ter sido uma grande alegria criar este romance, também passei por momentos de extrema insegurança, afinal sempre tento dar o meu melhor para vocês.

Desejo-lhe uma ótima leitura!

Com carinho,
Jhonatas Nilson.

Parte I



Alguns sonhos podem se tornar realidade. Outros, são a realidade.



Prólogo

Muito tempo atrás, quando ainda era impossível distinguir os céus das terras, uma guerra instaurou-se entre os dois mundos existentes no universo silencioso e sombrio.

Os guerreiros das terras dos sonhos, antes treinados apenas para um futuro que apontava para uma realidade repleta por imaginação e anseios, precisaram sujar as mãos com espadas de lâminas afiadas e escudos de prata revestidos de puro ouro. De longe, não era possível observar as centenas de milhares de pequenas pedras brancas como o leite que revestiam o metal prateado.

Altos e com um corpo revestido de uma força avassaladora, cada guerreiro trazia consigo não apenas a beleza de um anjo, mas também a benção dos deuses. Nas costas, asas com penas branquíssimas regozijavam de imensa grandeza. Na cabeça, um círculo prateado detinha os cabelos em tons de cinza.

Geralmente, as pessoas das terras dos sonhos tinham os olhos azuis como o mar em revolta ou em tons de cinza como uma tempestade sombria. Os cabelos, quase sempre lisos e um pouco longos, brilhavam em tons de um cinza envelhecido.

Por outro lado, os guerreiros das terras da grande verdade tinham a

pele um tanto mais escura, mais bronzeada. Os cabelos, negros e cortados curtos, tinham alguns fios brancos como a neve. As asas, tão negras quanto os cabelos.

Eram impiedosos. Os olhos verdes brilhavam de forma intensa, quase hipnotizante. E, assim como os guerreiros das terras dos sonhos, todos eram altos e extremamente fortes.

— União. É isto o que os reinos precisam. — A voz da deusa Eimear soava doce. Seus cabelos loiros e longos chegavam aos pés. Era a deusa da paz e da sabedoria. Quando falava, todos paravam para ouvi-la. No entanto, nem todos eram capazes de compreendê-la.

— Como a paz pode existir quando o universo está em guerra? — Orla, a deusa do ouro e da perseverança, rebateu. Os cabelos dourados enrolavam-se em seu corpo escultural.

— Herdeiros.

O panteão, perdido em algum lugar do universo e formado por sete deusas, ficou em total silêncio, esperando até que Eimear completasse os próprios pensamentos.

— Herdeiros? — Orla foi a única que atreveu-se a perguntar.

— É possível unir os dois reinos através da união entre herdeiros. Podemos unir as nossas energias, recitar as nossas forças e criar um homem merecedor do reino das terras da grande verdade, e uma mulher merecedora do reino dos sonhos. Um príncipe e uma princesa.

— Os guerreiros não aceitarão desistir agora. — Sugestionou Shauna, a deusa da beleza. — Ainda que herdeiros tomem o trono.

— O universo é infinito, tão infinito quanto o tempo. Mil anos. — Sua voz era quase como uma melodia perfeita e apesar das dúvidas, todas as outras deusas estavam dispostas a concordar com o plano. — A guerra permanecerá por mil anos, e então os grandes herdeiros voltarão ao lar para

unificar os reinos e trazer paz ao povo. Durante este tempo, os guerreiros sofrerão e compreenderão que o orgulho não pode existir em nosso universo.

— E quando os herdeiros nascerão?

— Nascerão, morrerão e renascerão, viverão e conhecerão através dos séculos toda a sabedoria necessária para trazer a paz.

— Estamos falando de reencarnação. — Pensou uma das deusas em voz alta, tentando compreender e seguir as ideias de Eimear.

— Estamos falando de chances de aprendizado. De errar e acertar.

Todas as deusas balançaram suas cabeças e levantaram as espadas, cada uma com uma cor que representava o poder.

Naquele instante, com a união das pontas das espadas, o tempo foi formado, os milênios, séculos, anos, meses e dias foram separados. E cada deusa ficou responsável por um dia da semana.

Assim, desde então, o universo passou a ser separado através de um relógio invisível.

O tempo passou, a guerra prosseguiu, e os mil anos transcorreram pacientemente.





Capítulo 1

Dias atuais

Ela não sabia muito sobre a vida, mas sabia que era diferente. Sabia que carregava dentro de si uma força estranha que parecia brilhar e pulsar, fazendo-a sentir-se tão poderosa quanto perdida. E, mais do que isso, sempre sabia qual era a coisa certa a se fazer, quase como um instinto.

Seus cabelos eram em um tom claro de cinza. Todos perguntavam se era difícil manter a cor e quase nunca acreditavam que ela nunca pintara o cabelo na vida. Nascera com os fios exatamente com aquele tom. Detalhe que lhe parecia totalmente estranho.

Além disso, seus olhos eram tão azuis que algumas pessoas costumavam afirmar que ela tinha olhos de gato. A verdade era que depois de passar a vida inteira ouvindo todo tipo de comentário, Aisling Burgh já havia se acostumado com a própria aparência e com quase todo o resto.

No entanto, quando as noites chegavam e seus olhos pesavam, era praticamente impossível acostumar-se com as surpresas que acompanhavam seus sonhos.

Às vezes, vivenciava momentos incríveis ao lado de um homem de pele bronzeada e olhos verdes. O amava. Não sabia como algo assim poderia

sequer acontecer, mas amava o homem dos seus sonhos.

E tinha a mais plena consciência de que amá-lo era certo. Era bom

Em outros momentos, enxergava uma guerra que nunca parecia ter fim. Enxergava o sangue, a dor. E chorava. Chorava porque sabia que os guerreiros, apesar de fortes, haviam perdido o próprio orgulho ao perceberem que derramar sangue era como manchar a alma.

E enquanto os dias se passavam, seus sonhos ficavam mais claros. Mais intensos. Era possível compreender que a guerra, apesar de longa e dolorosa, estava prestes a terminar. Uma voz dentro dela dizia que ela seria a responsável pelo fim do sofrimento. Mas nada daquilo poderia ser feito caso estivesse sozinha.

Aisling precisava de alguém.

Precisava do homem de pele bronzeada e mãos fortes. Precisava que ele segurasse a sua mão e enfrentasse os caminhos, quaisquer que fossem, que estavam por vir.

Aisling não sabia quase nada sobre a própria existência. Fora encontrada desnuda por uma senhora simpática que era conhecida no vilarejo como uma curandeira. Após isso, crescera e aprendera todos os tipos de feitiço e, por mais estranho que pudesse parecer, às vezes ensinava mais do que aprendia.

A doce senhora faleceu quando Aisling completou dezenove anos. Desde então, ela decidiu tentar a vida em Dublin.

As coisas nunca foram muito fáceis. Mas também nunca foram demasiado difíceis. Aisling sabia que viver era quase como enfrentar um desafio por vez, e já não se pressionava tanto.

Apenas vivia um dia por vez e estava feliz consigo mesma.

Além de amar aprender os segredos das ervas e da natureza, idealizar feitiços e descobrir mantras, ela adorava criar histórias. Adorava sonhar. Por

isso, quando tinha tempo, escrevia algumas histórias de fantasia repletas de possibilidades e imaginação.

Já há algum tempo não escrevia e começava a sentir falta, mas a escrita não rendia dinheiro algum e, por isso, precisava focar no trabalho para que pudesse manter as contas em dia sem que tudo se transformasse em uma bola de neve.

Pensando nisso, ela entrou em seu pequeno apartamento localizado na parte mais distante do centro de Dublin. Jogou a mochila em um dos sofás e tomou uma ducha rápida. Estava exausta após uma noite inteira trabalhando como atendente em uma rede que vendia cafés moídos.

Sempre ao seu lado, Black, o pequenino pug que Aisling adotara alguns meses atrás, enroscou-se entre os lençóis, esperando ansiosamente que sua dona se aproximasse para fazer carinho.

Quando, por fim, aconchegou-se na cama, clamou aos céus para que pudesse encontrar a paz nos sonhos daquela noite. Estava cansada demais para ver a morte e a dor.

Queria, apenas, poder contemplar a felicidade.



Capítulo 2

Cian Eoin estava cansado. Cansado de lidar com pessoas, cansado de viver em um mundo que certamente não era o dele. No entanto, era praticamente impossível explicar os próprios sentimentos em voz alta sem que soasse como um maluco.

Estava apaixonado pela mulher dos seus sonhos, afinal. E não havia nada que ele pudesse fazer. Nada que o permitisse encontrá-la.

Por isso, sentia-se feliz apenas ao dormir, quando seus olhos se fechavam e a realidade parecia viajar para um lugar distante. Para um lugar, que aparentemente, era o seu lar.

Cian não era um homem sonhador. Pelo contrário. Sempre fora conhecido pela sua extrema capacidade de idealizar, planejar e agir sem nunca deixar de ter total certeza de cada detalhe e, acima de tudo, sem nunca se permitir deixar levar pelas ilusões humanas.

Era sábio. Um bom conselheiro.

Porém, tudo o que via, ouvia e sentia enquanto dormia era real demais. Tão real, que parecia-lhe impossível seguir vivendo longe de tudo aquilo. E com o passar dos dias, as imagens se tornavam cada vez mais claras

e sensoriais. Ele precisava de respostas, ou sentia que estava prestes a enlouquecer.

Naquela noite, depois de um longo dia de trabalho e reuniões, atirou-se no sofá da sala de estar e ligou a televisão.

Conseguira construir uma carreira incrível em pouquíssimo tempo. Logo após se especializar em diversos campos relacionados às áreas de relações organizacionais em empresas de médio e grande porte, tornara-se um homem extremamente bem-sucedido. E quase nunca decepcionava.

Mas quando ficava sozinho, sentia-se um fracasso. Não tinha laços familiares, afinal era órfão e sequer conhecia verdadeiramente a própria história. Tudo o que sabia era que havia crescido em um orfanato religioso, e não se sabia, de fato, quem fora a sua família ou de onde viera.

Por isso, vez ou outra ele se perguntava se aquele era um dos fatores que o impedia de fazer novas amizades. De conhecer pessoas e amar como um homem normal.

Ele não era normal. Sabia disso. Com seus cabelos negros curtos, olhos profundos e voz rouca, mais parecia um demônio deliciosamente tentador. Por adorar a normalidade, dar-se conta de que nunca se encaixaria na sociedade em que estava fazia com que se sentisse uma farsa. Um total excluído.

Cian não percebeu o momento exato em que seus olhos se fecharam e as imagens começaram a se formar perante os seus olhos.

Sempre acontecia exatamente da mesma forma. Ele adormecia sem que sequer pudesse ter controle perante o próprio sono, e, de uma hora para outra, se enxergava viajando entre dimensões.

Flutuando. Como se estivesse muito distante de tudo, e muito próximo de si mesmo.

As cores giravam em um túnel, as estrelas brilhavam em um céu

enegrecido. Seu corpo estava leve, tratando de sentir cada detalhe que precisava ser sentido.

E quando a viagem acabou, encontrou-se em meio à guerra. Seu coração palpitou, sua alma gritou.

Sabia onde estava. Já estivera ali antes.

O mar ricocheteava nas pedras lá embaixo. O sol, fraco e escondido por entre as nuvens, lançava raios gentis, quase como se esperasse que a paz voltasse a reinar.

Um grito ecoou na montanha, por entre as árvores e flores. Um grito de fúria, de guerra.

E ele soube que morreria. Soube que o seu destino, naquele lugar, estivera traçado antes mesmo que sua existência se tornasse concreta.

Guerreiros dos sonhos com asas imensas e cabelos em tons de cinza surgiram de todos os lados, flutuando por entre as árvores, cercando-o. Impedindo-o de tomar qualquer atitude.

O maior deles, que tinha os olhos um tanto esfumaçados, aproximou-se, empurrando-o.

Cian ficou de joelhos e abaixou a cabeça. Sentiu lágrimas nos olhos, sentiu dor.

— Cian! — A voz feminina ecoou em seus ouvidos. Era ela.

Aisling estava sendo trazida caminhando por entre as árvores, capturadas por aqueles que pareciam ser o povo de Cian. Tinha uma armadura, suas asas estavam amarradas, as mãos presas atrás das costas.

Apesar de tudo, os guerreiros estavam ansiosos pela vitória. E apenas ignoraram tudo o que Aisling representava. Cian sabia que aquele ainda era o início da guerra dos mil anos, e, por isso, os guerreiros não reconheciam a importância da *escolhida*.

Furioso ao ver a mulher que amava sofrer, Cian se levantou e tentou

lutar. Seus olhos queimaram em ódio, os punhos cerrando-se.

Avançou sem pensar duas vezes, lançando socos que derrubavam até os mais fortes.

— Pare, por favor! — Aisling gritou ao longe. — Nós não viemos para guerrear. Estamos para unir os povos!

Mas ele não a ouviu. Estava surdo e cego de raiva.

E de um segundo para o outro, todo o universo parou quando uma espada atravessou a sua armadura, dividindo-o ao meio.

Seu corpo, já sem vida, caiu ao chão, um sangue brilhante derramado na terra húmida.

Aisling gritou outra vez, mas Cian já estava morto.



Capítulo 3

A alma de Aisling pareceu desfalecer em horror ao avistar aquele homem, o homem que ela amava, morrer daquela forma.

Ao lado do corpo sem vida de Cian, havia a coroa. E apesar das dúvidas que giravam em sua mente, ela sabia que precisava proteger o objeto, afinal aquele era o maior sinal de que eram os herdeiros. *Os escolhidos.*

Com cuidado, pousou os dedos por trás da túnica que vestia e sentiu o peso da própria coroa. Precisava agir, disse a si mesma. Não podia permitir que destruíssem o grande símbolo ou tudo estaria acabado.

Puxando toda a energia que havia dentro de si, começou a recitar feitiços. Seus lábios se moviam rapidamente e em silêncio. Os guerreiros das terras da grande verdade sequer perceberam quando as cordas, revestidas de prata que mais pareciam correntes, se soltaram, libertando-a.

Sem pensar muito, Aisling voou. Suas asas, grandes e fortes, se moviam com rapidez e segurança. Percorria a floresta, desviando das árvores e das flechas de fogo que começaram a surgir de todos os lados.

Quando se aproximou do corpo morto de Cian, ela se abaixou, tomando-o nos braços e escondendo a coroa em sua túnica.

Vê-lo sem vida trouxe lágrimas aos seus olhos. E foi exatamente naquele momento de fraqueza que cinco flechas a atingiram diretamente no peito.

O fogo alastrou-se internamente em seu corpo, queimando e destruindo, fazendo-a gritar e soltar Cian.

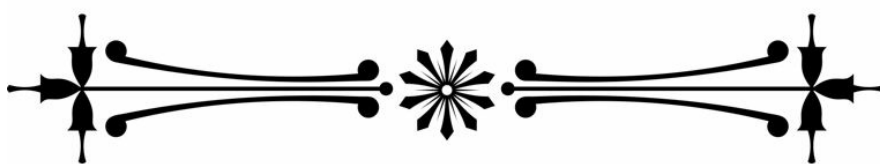
Ela caiu de joelhos ao lado dele e se contorceu. Sabia que tudo estava perdido, sabia que falhara aos deuses e ao povo.

Enquanto toda a guerra continuava ao redor, um dos guerreiros das terras da grande verdade se aproximou, ficando a espada em seu coração. Seus olhos reviraram e ela soltou o seu último suspiro ao lado de Cian.

Nos céus do universo, as deusas lamentaram quando as duas coroas foram destruídas e os corpos destroçados.

Restou apenas as almas dos dois, que logo voltariam no futuro para voltar a tentar. Para lutar outra vez.

A verdade era que seguiriam tentando até que a paz voltasse ao universo exterior.



Quando o sonho acabou, Aisling abriu os olhos em um impulso e sugou todo o ar que podia para os pulmões. Estava trêmula e seu corpo latejava, dolorido.

Estava viva, disse para si mesma. Viva. Todas aquelas imagens foram apenas sonhos estranhos.

Mas tudo parecera extremamente real. Enxergara a morte, sentira a dor e o medo. Sabia que de certa forma, tudo aquilo era real. Tudo aquilo acontecera em algum momento, em alguma outra vida.

Aisling precisava de respostas, afinal os sonhos estavam se tornando cada vez mais intensos e era praticamente impossível seguir adiante sem descobrir a verdade.

No entanto, agora sabia que havia o peso de um reino em suas costas. Por mais que tudo aquilo soasse surreal, sabia que em algum lugar do universo, ela era uma princesa. Sabia que era esperada pelos deuses e tinha uma missão a cumprir.

Sentando-se na cama, olhou para o relógio e percebeu que precisava se arrumar para ir ao trabalho, mas antes encontraria com a sua melhor amiga, Flya, para que pudessem conversar e relaxar um pouco.

Black, o cachorrinho, pulou entre os lençóis, fazendo Aisling sorrir.

— Você está com fome, não está? — Com um sorriso, levantou-se lentamente. O corpo ainda doía. Seus cabelos cinza estavam uma bagunça.

Não demorou muito para que alimentasse Black e se encaminhasse para o banheiro. Ao tirar a roupa e olhar-se no espelho, percebeu que ainda haviam manchas de terra e sangue em seu corpo.

Aisling não sabia o que os deuses reservavam para ela, mas tinha a mais completa certeza de que tudo aconteceria em breve.



Capítulo 4

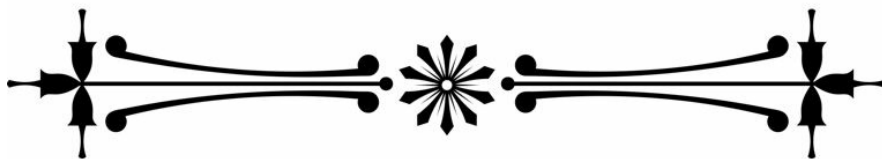
Cian acordou sentindo-se péssimo. Mas seus pensamentos pareciam um pouco mais claros.

Ele era um herdeiro.

Nós não viemos para guerrear. Estamos para unir os povos!

A voz de Aisling, desesperada e triste, ainda ecoava em seus ouvidos. Agora ele sabia que falhara ao lutar por orgulho, ao lutar com arrogância.

Como um herdeiro das duas terras, precisaria lutar pela paz, pela luz. E isto, era tudo o que ele sabia.



Aisling chegou um pouco atrasada ao pequeno restaurante que ficava próximo ao seu local de trabalho. Esbaforida, abriu a porta e buscou Flya

com os olhos. Como era de se esperar, a encontrou em uma das mesas do canto esquerdo, local favorito de ambas.

— Você parece péssima. Mais um dos seus sonhos horríveis? — Flya cumprimentou a melhor amiga e sorriu levemente. Seus cabelos vermelhos mais pareciam fogo, e os olhos verdes, de quem parecia estar sempre com ressaca, eram *sexies* ao mesmo tempo em que davam-lhe certo ar de inocência.

— Sim. Como, em nome das deusas, eu poderia ter uma boa noite de sono se sempre que fecho os olhos, pareço entrar em algum tipo de guerra pagã? — Aisling suspirou e avaliou o rosto da amiga por alguns segundos. — Você também parece estar péssima.

— Sonhei com uma guerra. E você morria. Bem, primeiro... — Flya abaixou o olhar, temendo falar sobre o próprio sonho.

— Primeiro Cian morria e perdia a coroa. Eu também sonhei a mesma coisa. — Aisling tinha os olhos cansados e tristes, até mesmo um pouco assustados.

— Nós não deveríamos estar sonhando as mesmas coisas.

Flya também era especial. Apesar de ser totalmente diferente de Aisling, também tinha sonhos estranhos desde criança. Quase nunca os entendia, e sentira-se aliviada quando, por fim, encontra alguém com quem pudesse compartilhar todas as inseguranças que emergiam com os sonhos.

Aisling e Flya se conheceram muitos anos antes, quando ainda eram garotinhas. Mas Flya necessitara mudar-se para Dublin, portanto, ambas ficaram verdadeiramente próximas apenas quando Aisling decidira deixar o vilarejo em que vivera para que pudesse recomeçar a vida na capital.

Agora, nenhuma das duas conseguia imaginar a vida uma sem a outra, afinal compartilhavam os próprios segredos, e conviviam quase como irmãs.

— Eu não visualizei você em meu sonho. — Afirmou Aisling com

uma sobrancelha levantada, tentando montar as peças do quebra-cabeça.

— Eu estava escondida entre as árvores. Tinha medo. No sonho, eu era a sua serva, a sua protetora. — Os olhos de Flya encheram-se de lágrimas. — As deusas enviaram-me à guerra para cuidar de você. Protegê-la. E eu fracassei. Fiquei extremamente amedrontada e decidi fugir quando... Quando as flechas atingiram o seu peito. Eu sinto muito, Aisling.

— Você não precisa se desculpar. — Aisling segurou as duas mãos da amiga e sorriu. — Foi apenas um sonho.

— Nós duas sabemos que não são apenas sonhos. São visões de vidas passadas. Eu sei e sinto. — Flya passava horas pesquisando. Enquanto Aisling estudava feitiços e bruxaria, ela tentava descobrir a história por trás das deusas e dos sonhos. — A nossa amizade está forjada por gerações. E eu falhei com você, não archei com a minha obrigação de protegê-la. Mas prometo ser fiel se houver uma próxima vez.

— Não haverá.

— Como pode ter tanta certeza?

Aisling abaixou o olhar.

Não tinha certeza alguma. Apenas mentia para si mesma, tentando acreditar que as coisas ficariam bem. Que os sonhos parariam.

— Eu prefiro acreditar que uma guerra assim não voltará a ocorrer. Somos civilizados agora.

— Mas você sabe que esta guerra não ocorreu no plano terrestre. — Flya estudara sobre o assunto.

Os guerreiros das terras dos sonhos batalhavam há séculos contra os guerreiros das terras da grande verdade. Queriam espaço. O que nenhum dos grupos entendia era que para que o mundo humano pudesse seguir existindo, era necessário um equilíbrio.

— O que quer dizer?

— A guerra no universo exterior irá definir como os humanos comuns vivem. Serão sonhadores ou apenas realistas sem sentimentos? As deusas buscam um equilíbrio. Você é o equilíbrio. Cian é o equilíbrio.

— Sonhos e realidades precisam andar juntas.

— Sim. Ninguém vive sem sonhos, assim como ninguém existe sem viver a própria realidade. — Flya era sábia e suas palavras soavam firmes. — Cada vida é um mundo, Aisling. E a união dos sonhos com a realidade representaria um equilíbrio entre todos os mundos coexistentes.

— Tenho medo, Flya. — Aisling tirou alguns fios de cabelo do rosto. — Perdi a coroa. Cian também perdeu. Como podemos provar que somos os verdadeiros herdeiros?

— Não sei. — Flya pareceu extremamente cansada. — Mas espero que as deusas tenham um plano para nós.

— E se não tiverem?

— Se não tiverem, então o universo estará em total desequilíbrio... — Ela fez uma pausa e limpou as lágrimas dos olhos. — Para sempre.



Capítulo 5

Os dias seguintes foram péssimos para Cian. Quase não conseguia dormir, e quando dormia, tinha sonhos horríveis.

Aos poucos, começou a ter dificuldades para se concentrar no próprio trabalho. Sentia-se preocupado e exausto.

Naquela tarde de sábado, decidira visitar um antigo amigo que morava em um pequeno apartamento no subúrbio de Dublin. O local parecia-lhe apertado demais, e tinha um forte odor de incenso e ervas.

Por ser extremamente cético, não gostava de ouvir o que ele tinha a dizer, mas, levando em consideração tudo o que estava acontecendo, sentia que precisava de respostas. Precisava ouvir a opinião de alguém que não o considerasse louco.

Rian era um homem magro com cabelos loiros e olhos que ficavam entre o azul e o cinza. Tinha um sorriso lindo, simpático. Quase sempre parecia feliz. Usualmente, as mulheres o consideravam extremamente bonito e agradável. Além de tudo, era inteligente e afetuoso.

Conhecera Cian na adolescência, na escola. Tornaram-se bons amigos, talvez o único amigo que Cian conseguira manter em toda a vida.

Os anos se passaram e ambos aprenderam muito sobre as técnicas

para feitiços e bruxaria, mas, ao contrário do amigo, Rian tornara-se praticamente um especialista. Trabalhava realizando limpezas espirituais e lendo cartas de tarot. Mas em segredo, aperfeiçoava-se diariamente na arte da magia, buscando os feitiços mais intrincados.

— Você não está confortável com o fato de que precisa vir me ver para se sentir mais bem aceito. O seu ceticismo te corrói. — Ele estalou a língua. Seus cabelos loiros pareciam precisar de um corte, mas apenas davam-lhe um ar selvagem e sexy. — Aceita um cigarro?

— Eu não fumo.

— Ah, é claro que não. — Rian acendeu o cigarro e a fumaça uniu-se aos incensos acesos. — Não tem dormido?

— Estou tentando não dormir, não quero sonhar mais.

— Você não pode fugir do seu destino. O destino é inevitável. — Rian tinha a voz rouca do cigarro. Seus olhos eram penetrantes, selvagens.

— Tudo o que eu precisava era de você jogando verdades na minha cara. Talvez eu devesse ir embora. — Cian se levantou do sofá onde estava sentado e tropeçou na mesinha de centro.

— Sente-se e tente se acalmar um pouco. A sua energia está pesada. Você está com medo. — Com o cigarro preso entre os lábios, Rian caminhou pelo apartamento minúsculo. Com atenção, pegou dois potes de barro, pousando ambos na mesinha de centro. Em silêncio e fumando, começou a fazer uma mistura que tinha um cheiro bom. — Sálvia branca, arruda, sais naturais e flores. Isso vai fazer com que as suas energias fiquem um pouco mais balanceadas. Preciso apenas de um pouco mais de tempo para cozinhar tudo e...

— Pelo amor dos deuses, Rian. Um banho não irá me ajudar em nada. — Ele fez uma pausa e cerrou os punhos. — Acho que estou ficando louco. Essa é a única explicação. Os sonhos estão piores. É como se eu estivesse lá.

— Mas você esteve lá. Em outra vida. Pare de negar o óbvio. — Voltando a se locomover, Rian acendeu o fogão de quatro bocas e colocou a panela no fogo. — Estive estudando um pouco sobre todas as coisas que têm acontecido com você.

— Ah, sim? Encontrou algo importante?

— Você é um *escolhido*. O herdeiro das terras que trazem equilíbrio à existência humana. — Cian mexeu os lábios, mas Rian o interrompeu. — Eu sei. Eu sei que você irá falar que tudo isso é uma loucura e que eu deveria parar de ler besteiras na internet. Mas você me buscou, está aqui por algum motivo.

— Estou aqui porque você é o meu único amigo.

— Não somente isso. Você está aqui porque quer ouvir que não é louco. Que tudo isso é real mesmo que pareça uma loucura. — Rian sorriu. — Eu tenho boas notícias para você; seus sonhos não representam loucura.

— Você me conhece bem demais.

— Sim. — Ele se abaixou e pegou um livro negro de capa dura que estava entre as almofadas da pequena poltrona. — Veja. Este livro foi escrito no ano de 1400. Foi o mais longe que consegui chegar.

Rian encontrara o livro em uma caixa antiga repleta de artefatos mágicos de um velho amigo que morrera no ano anterior. As páginas eram extremamente antigas e quebradiças, era necessário cuidado ao manuseá-las.

Em um dos capítulos, era possível observar as sete deusas irmãs, cada uma segurando a sua espada, em um panteão acima dos céus. Os desenhos eram belos e delicados, apesar dos traços estarem um pouco desgastados.

— São apenas lendas. — Afirmou Cian com uma das sobrancelhas levantadas.

— Você sabe que não são. — Rian apontou para um dos parágrafos do livro. Era difícil compreender exatamente o que estava escrito, afinal a

linguagem era diferente, mas, de alguma forma, ele entendia. — *A guerra dos mil anos está longe de acabar. Mas os herdeiros, — os escolhidos —, nascerão e crescerão, morrerão e aprenderão até que o grande dia possa chegar.*

— Então quer dizer que vivi outras vidas. Reencarnei até chegar no tempo e lugar em que estou hoje?

— Sim. Ainda que não se lembre, você saberá qual a coisa certa a se fazer quando o momento chegar. — Rian deu dois tapinhas no ombro do amigo e fechou o livro. — A guerra dos mil anos está prestes a chegar ao fim, Cian. Os seus sonhos estão se tornando frequentes demais e, sem dúvidas, isso é um sinal.

— Eu tenho pensado muito acerca de tudo isso. Tinha a mais completa certeza de que algo estava por vir, de que algo estava por acontecer. E agora, com as suas palavras, eu sei.

— Não fuja dos seus sonhos. Apenas se permita sonhar, ainda que você enxergue dor e desespero. — Ele voltou-se para o fogão mais uma vez e mexeu o líquido de cheiro agradável mais uma vez. — Vá para casa e tome este banho por três dias. Reze enquanto se limpa. Os sonhos não irão diminuir, mas ao menos você terá as energias um pouco mais equilibradas e leves.

— É difícil para mim acreditar em tudo isso. É difícil levar sonhos em consideração. — Cian abaixou o olhar. — Cresci acreditando que a verdade e a realidade são tudo o que importa.

Rian balançou a cabeça em negativa.

— Os seus pensamentos provam que somos parecidos apenas nos nossos nomes. A verdade e a realidade são importantes. Mas os sonhos e a imaginação também precisam do próprio espaço.

— Obrigado pelos conselhos.

Rian entregou nas mãos do amigo um vaso de barro com a essência preparada para o banho.

— Não precisa agradecer. — Cian se levantou para ir embora, mas Rian o chamou uma última vez. — Você sabe que sempre pode contar comigo, não sabe?

— Sim, pequeno grande bruxo, eu sei.

Sentindo-se um pouco menos atormentado, Cian saiu do apartamento com um sorriso nos lábios.



Capítulo 6

Naquela mesma noite, a vida que tanto Cian quanto Aisling conheciam mudou para sempre.

Em seu apartamento, Aisling adormeceu. Seu corpo relaxou de uma forma profunda e aos poucos, os pulmões pararam de respirar. Quase como algo natural, sua alma esvaiu-se daquela realidade e partiu na direção de outra.

De forma semelhante, Cian adormeceu sentado à mesa após tomar o banho que seu amigo recomendara. No instante em que dormiu, estava terminando de organizar alguns detalhes para uma reunião que aconteceria no dia seguinte.

Para a realidade humana, aquilo representava a morte. Mas para ambos, era a oportunidade de voltar para um universo que sabiam ter o significado de um lar.

Quando voltou a perceber a própria existência, Aisling já não trajava roupas modernas. Na verdade, tinha as roupas que sempre vestia em seus sonhos, com características medievais.

Ao olhar ao redor, assustou-se. Estava em um local imenso, rodeado de colunas de mármore. O vento era fresco e havia um silêncio quase ensurdecedor que parecia tocar a alma.

Sentindo-se um tanto desesperada, pôs-se a caminhar. Aquele local, concluiu, era um panteão. Olhou para o lado de fora e viu que havia o vazio, repleto de estrelas e luzes. A imensidão parecia quase sufocante, e, por isso, Aisling decidiu sentar no chão e abraçar as próprias pernas.

Sabia que aquele não era mais apenas um sonho. Aquela era a sua nova realidade. Por mais que não houvesse ninguém para lhe explicar detalhe por detalhe, ela sabia que nunca mais voltaria a ver o mundo como antes.

Seu coração doeu. Black, o seu cachorrinho, estaria sozinho. Não havia ninguém que pudesse alimentá-lo. Logo pensou em Flya, dizendo para si mesma que nunca mais teria a melhor amiga ao seu lado outra vez.

Ficaria sozinha para sempre?

Pagaria pelos seus erros na imensidão do eterno em um universo de mármore, estrelas e luzes?

Sem dúvidas, a solidão era o pior dos castigos. O pior dos medos.

Trêmula, Aisling olhou de um lado para o outro enquanto lágrimas começaram a escorrer por suas bochechas.

Não era justo que a vida fosse tão desesperadora. Que as perguntas fossem maiores do que as respostas.

Surpreendendo-a, aos poucos Aisling avistou uma silhueta surgindo ao longe. Seu coração acelerou.

Havia medo crescendo dentro dela, mas também havia a esperança.

Semicerrou os olhos para tentar enxergar melhor. Era o homem dos seus sonhos. Cian.

Mas ao contrário de todas as outras vezes, Aisling estava totalmente inserida na realidade. Por isso, ficou nervosa. Com medo de simplesmente não saber o que fazer, ou como agir.

Agora que sabia que Cian estava ali e provavelmente permaneceria ao seu lado, o medo diminuiu. Ao menos já não estaria tão sozinha.

Ele se aproximou com passadas lentas, parecia um pouco atordoado e irritado consigo mesmo. Seus olhos, verdes como uma floresta após uma tempestade, brilhavam, percorrendo todo o panteão.

— Cian! — Ela exclamou, mas sua voz soou trêmula. Se odiou por parecer tão frágil e chorosa.

— Aisling? — Surpreso como se a avistasse pela primeira vez, Cian praticamente correu em sua direção. — Céus, Aisling!

Ele era um homem extremamente lindo. Seu corpo era forte, quase como se chamasse ao toque. Aisling sentia a vontade de explorá-lo, de senti-lo. E por mais que quisesse negar, era impossível não sentir desejo por ele. Era impossível não querer beijá-lo.

— Você... — Ela fez uma pequena pausa, sabendo que soaria um pouco ridícula com as próximas palavras. — Você é real.

— Nós somos reais. — Aproximando-se o suficiente, ele a tocou no rosto e uma onda de ternura o percorreu.

Ele a amava. E o amor que sentia, sem dúvidas, era real. Era magnífico.

O sentimento pulsou dentro dele, fazendo-o querer tê-la ao seu lado para sempre.

Tudo aquilo era uma loucura, ele bem sabia. Quase uma alucinação. Mas ao mesmo tempo, aquela era uma loucura que ele simplesmente queria permanecer.

— Eu pensei que você fosse apenas parte dos meus sonhos. — Aisling afirmou ainda com lágrimas nos olhos. Ele não pôde deixar de admirar os lábios rosados que convidavam ao beijo.

— Alguns sonhos podem se tornar realidade. — Ele sussurrou.

— Alguns sonhos são a realidade.

Sem pensar muito, ele a puxou para si. Seu corpo estremeceu em

desejo. Ele sentiu que havia esperado a vida inteira apenas para tê-la tão perto, tão sua.

— Quero beijar você. — Ele falou ao seu ouvido. — Os nossos mundos acabam de se chocar, mas sinto que tudo o que eu necessito é sentir os seus lábios nos meus.

As palavras dele chegaram diretamente ao coração dela.

— Beije. — Ela sorriu levemente. — O seu corpo colado ao meu parece ser algo que deveria acontecer.

As palavras dele eram exatamente o que ela queria ouvir. O anseio tomou toda sua existência. *Ela simplesmente necessitava beijá-lo.*

— Fomos destinados. — Ele abaixou a cabeça lentamente, aproximando-se. O odor masculino inebriou-a, deixando-a levemente tonta.

— Fomos destinados. — Quando Cian a beijou, Aisling soube que tudo ficaria bem. Não temeu, não chorou. Apenas disse para si mesma que estar com ele, nos braços dele, era certo. Era tudo o que ela precisava.

E aquela verdade veio com a certeza de que aquele amor havia sido escrito no livro da vida pelos deuses. Haviam sido escolhidos e unidos. Morreram e reviveram durante séculos, apenas para que aquele exato momento, aquele simples unir de lábios, acontecesse.

No entanto, quebrando o momento, uma voz desfez o silêncio. Era quase como um grito assustado.

— Aisling? — A voz gritou.

Surpresa, Aisling afastou Cian. A voz voltou a gritar ao longe.

— Pensei que estávamos sozinhos. Pensei que estaríamos sozinhos para sempre. — Sussurrou Aisling.

— Não. — Respondeu Cian. — As deusas certamente têm outros planos para nós.

Aisling afastou-se de Cian, dando passadas na direção da voz que

gritou seu nome outra vez.

Não sabia onde estava, não sabia do seu futuro. Mas, mesmo assim, tentou reconhecer aquela voz que soava tão distante.

E, em um rompante de consciência, ela soube de quem se tratava.



Capítulo 7

Flya estivera dormindo pacificamente durante a noite quando seu corpo físico deixara de funcionar e sua alma partira rumo à realidade alternativa.

Ela sabia que isso aconteceria em algum momento. Estava esperando pacientemente, afinal, através dos próprios sonhos, recebera a mensagem de que seria a protetora de Aisling, portanto, quando as deusas decidissem chamá-la para que tudo fosse finalizado, Flya certamente também estaria ao seu lado. Para sempre.

Ela nunca tivera a oportunidade de viver tal sensação. Enquanto parecia deixar o seu corpo, tudo dentro dela se acalmou. E renasceu. Viajou por entre luzes e formas, navegando em um mar de sentimentos, mundos, estrelas e planetas. E quando, por fim, chegou ao panteão, sentiu que estava exatamente onde deveria estar. Sentiu que chegar àquele lugar era, simplesmente, certo.

— Flya! — Exclamou Aisling, pondo-se a correr na direção da melhor amiga. — Eu pensei que nunca mais voltaria a ver você!

Abraçaram-se com lágrimas nos olhos.

— Eu senti quando você partiu. — O corpo dela sentira um frio imenso no mesmo momento em que Aisling viajava rumo à nova realidade. A amizade que havia entre elas era real. Era uma conexão inquebrável. — Mas não tive medo, não fiquei triste. Eu sabia que logo seria a próxima. As deusas não permitiriam que as melhores amigas do mundo inteiro se separassem.

— Amo você, minha amiga. — Aisling passou uma das mãos nos cabelos de Flya, encantada em poder vê-la. — Mas o que acontecerá agora? O que estamos fazendo aqui?

— Estamos no *Grande Panteão*. — Flya lera sobre aquele lugar. Era descrito nos livros de mitologia e folclore como um local perdido no tempo e no espaço, guardado por sete deusas que existiam desde o início dos tempos e que ali permaneceriam até o final dos tempos.

Para muitos, o *Grande Panteão* era apenas uma lenda. Para Flya, fora até certo tempo atrás. Mas quando passara a aprofundar os próprios conhecimentos acerca das deusas da eternidade, descobrira que a sua vida e o seu futuro estavam intrinsicamente ligados ao poder da história.

— O que você quer dizer com *Grande Panteão*?

— Chegou o momento que você esperava, Aisling. Você terá as respostas para as suas perguntas, mas não sou eu quem tenho as respostas. — Flya tocou no peito de Aisling. — Você passou pelo mundo durante várias gerações. Por mais que não saiba, e talvez tema saber, as respostas já estão dentro de você.

— Quem poderia deixar essas respostas mais claras?

— As deusas. — Cian, que ficara em silêncio apenas observando a amizade entre as duas mulheres, se aproximou. — Eu ouvi sobre elas. Somos *os escolhidos*, Aisling. Elas nos criaram e nos uniram.

— *Os escolhidos*. — Aisling repetiu, pensativa. — Apesar dos sonhos e de todo o resto, eu ainda tinha esperança de que tudo isso fosse apenas

mitologia irlandesa.

— Era impossível que tudo o que vivemos fosse apenas imaginação.
— Cian se aproximou de Flya e abaixou a cabeça levemente para cumprimentá-la. — Flya, certo? Muito prazer em conhecer você.

— Prazer o meu, Cian. — Ela também abaixou a cabeça levemente em uma saudação. — Aisling me falou muito sobre você.

— Ah, falou?

— Sim. O homem perfeito dos sonhos dela. — Flya abriu um sorrisinho ao relancear o olhar na direção da amiga.

— Calem-se. — Aisling corou violentamente. — Não deveríamos estar perdendo tempo falando bobagens. Deveríamos buscar uma maneira de sair daqui, ou de encontrar as deusas. Não sei.

— Não há uma maneira de sairmos daqui. — Flya deu de ombros, calma. — Fora do panteão, existe apenas o vazio. O nada. Nós morremos para a realidade humana, Aisling.

— Morremos? Literalmente morremos?

— Sim. Os nossos corpos terrenos estão sem vida agora. Essa é a nossa nova realidade.

— Ela parece mais calma do que nós dois juntos. — Comentou Cian, olhando para Aisling.

— É o que parece. — Respondeu ela. — E o que devemos fazer?

— Esperar. Apenas esperar. — Flya voltou a sorrir. Sua voz era agradável, trazia paz. — Cian, você não tem um guardião? Um protetor?

— Não. Eu deveria?

— Os escolhidos deveriam ter um guardião.

— As deusas sabem o que fazem. — Cian respondeu, pensativo.

Juntos, sentaram-se e passaram a esperar pacientemente. O silêncio era cortante. Por isso, tentavam manter uma conversa, qualquer que fosse, a

todo custo.

— Quando você soube que os sonhos não eram apenas sonhos? — Perguntou Cian para Flya.

— De alguma forma eu sentia que não eram apenas sonhos, mas depois que consegui perder o medo para compartilhar tudo com Aisling, percebi que havia algo mais. Era necessário descobrir e estudar. E foi o que eu fiz.

— Flya sempre foi a estudiosa entre nós duas. Sempre buscou se aprofundar nos detalhes, enquanto eu me aprofundava na arte dos feitiços. Mas ela sabe muito mais do que eu. Acho que nós duas nos completamos de alguma forma. — Afirmou Aisling. Cian segurava a mão dela carinhosamente, como se temesse perdê-la, ou como se temesse despertar a qualquer momento.

— Sonhar não é algo que se encaixa comigo. Prefiro acreditar no poder das verdades, em saber que a realidade existe e pode ser controlada. Manipulada. — Cian fez uma pausa e suspirou. — Por isso, eu me sentia péssimo por sonhar tanto, por me perder entre detalhes em que eu não me encaixava.

— Você é o herdeiro das terras da grande verdade. A realidade é essencial nos seus pensamentos. — Flya mudou o olhar na direção da amiga. — Aisling, por outro lado, é a herdeira das terras dos sonhos. A criatividade e o ato de imaginar além da realidade é o que consegue fazê-la feliz. Juntos, vocês dois farão o equilíbrio.

— Para que serve o equilíbrio?

— O mundo humano precisa de equilíbrio, Cian. Todos estão perdendo o controle, já não sabem balancear os próprios sonhos, alguns sequer aceitam a realidade. Outros, se esqueceram de sentir, de se permitir imaginar. Sem o equilíbrio, a Terra caminha na direção do desastre total.

— Somos responsáveis por restaurar o equilíbrio. — Aisling ficou em silêncio por alguns instantes. — Nunca pensei que a minha existência representasse tamanha responsabilidade.

Cian apertou a mão dela com um pouco mais de força e sorriu.

— A sua existência representa tudo.

Aisling até pensou em responder, mas um clarão tomou todo o panteão e uma voz profunda ecoou em todos os lados.

— Curvem-se perante as suas deusas e recitem orações agradecendo a oportunidade de estar em nossa presença. — Disse a voz feminina, exuberante e poderosa.



Capítulo 8

Cian, Aisling e Flya obedeceram a ordem. Puseram-se de joelhos e abaixaram as cabeças em sinal de reverência. Em silêncio, recitaram orações e agradecimentos, esboçando gratidão por estarem na presença daquelas que representavam o divino.

— Sentem-se em posição de reverência. — A voz voltou a ordenar e os três obedeceram outra vez.

As luzes brilhavam em sete cores diferentes. E em pouco tempo, as sete deusas estavam reunidas, uma ao lado da outra, segurando as suas espadas gigantescas.

Eram belas, tinham corpos formosos. A energia do lugar parecia preencher as veias, purificando e limpando. E também havia a intensa paz que se infiltrava lentamente, acalmando os corações.

— Agradecemos a oportunidade. — Os três falaram ao mesmo tempo, de joelhos, voltando a abaixar as cabeças em sinal de respeito.

— Vocês sabem o motivo de estarem aqui. — Eimear, a deusa da paz e da sabedoria, foi a primeira a falar, segurando a espada firmemente com a mão direita e apontando-a na direção de Cian e Aisling. — Vocês, os dois, são *os escolhidos*.

— Mas fracassaram em uma vida anterior. Perderam as coroas, que eram os símbolos da promessa de paz. — Orla, a deusa do ouro e da perseverança, balançou a cabeça, demonstrando decepção. — Fui eu quem preparei, com as minhas próprias mãos, as duas coroas. Vocês precisavam protegê-las, mas fracassaram.

— Não existe nada que possamos fazer? — Aisling perguntou, maravilhada com a grandiosidade das sete deusas reunidas. As diversas cores e luzes brilhavam.

— Existe. — Argani, a deusa do tempo e do espaço, bateu a ponta da espada três vezes no piso de mármore, chamando a atenção para si. — Criarei um espaço no tempo para que vocês voltem exatamente para o local da guerra em que a tragédia aconteceu, então terão a oportunidade de consertar o erro.

Aisling sentiu medo. Lembrou-se das imagens dos seus sonhos, do sangue derramado. Quase foi capaz de sentir as flechas de fogo que atingiram seu peito antes da morte.

— E se fracassarmos outra vez? — Cian quebrou o próprio silêncio.

— Darei apenas uma chance. *Os escolhidos* foram feitos para aprender com os erros. Portanto, repeti-los não é aceitável. — Argani, com seu jeito austero e olhar sério, movimentou a mão esquerda, as unhas belíssimas brilhavam. — Uma oportunidade é o que vocês têm. Se fracassarem, morrerão.

— E não terão a oportunidade de reencarnar. — Adicionou Eimear. — Cian, você deve tomar cuidado com o seu orgulho e com a sua impulsividade. Permita-se imaginar as consequências antes de agir. Aisling, planeje e execute, seja discreta. E Flya, você foi escolhida por nós para ser a guardiã de Aisling, não fuja. Não corra. Fique e lute com a força da mulher poderosa que você é.

— O equilíbrio está nas mãos de vocês. Uma guerra que durou mil

anos está prestes a terminar. — Afirmou Shauna, a deusa da beleza. — E quando o dia chegar, vocês precisarão estar prontos para assumir as terras e demarcar paz entre os povos.

— Você não tem um guardião, Cian. — Comentou Eimear. — Durante todos esses séculos, o seu espírito nunca se permitiu ter um protetor. Você foi um homem orgulhoso nas vidas passadas. Gostaria de mudar isso?

— Sim. Eu ficaria grato caso pudesse ter um guardião. — Respondeu Cian, voltando a fazer uma reverência.

— Rian, o mago. Ele deve ser o seu protetor. — Eimear obviamente já sabia do desejo de Cian de ter o próprio protetor, e era simplesmente lógico que este fosse o seu melhor amigo. — Mas saiba que você está entrando em uma batalha. Trazê-lo seria o mesmo que colocá-lo diretamente em uma guerra que ele não pediu.

— Rian é fiel.

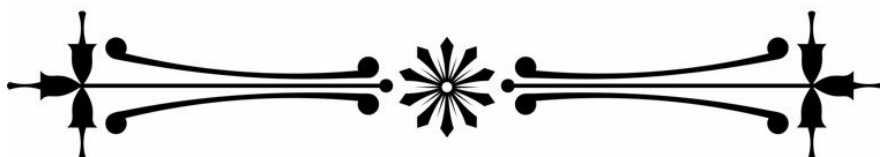
— Até mesmo os mais fiéis podem não desejar arriscar a vida em uma batalha. — Eimear estava testando a confiança de Cian no amigo. Mas sabia que nada podia quebrar a conexão antiga que havia entre eles.

— Verdadeiros amigos enfrentam guerras uns pelos outros. — Cian abriu um sorriso, quase como se estivesse lembrando de todas as coisas que vivera com o passar dos anos ao lado de Rian. — Ele é quase como um irmão. Às vezes, não escolhemos família. Mas nós, ele e eu, escolhemos um ao outro. Para ser família.

— O seu discurso é bonito. — Shauna sorriu, encantada. Era a deusa mais bonita, era possível perceber que a beleza que existia nela era mágica. — Mas a guerra não é piedosa.

— A vida não é piedosa. — Rebateu Cian, ousado.

— A sua escolha se tornará realidade. — Eimear levantou a espada, posicionando-a. Logo, todas as sete pontas se reuniram.



Rian estava buscando mais informações acerca dos sonhos de Cian quando um clarão tomou o seu pequeno apartamento. Era um fogo que não consumia.

Olhando de um lado para o outro, observou que os livros e os móveis continuavam intactos.

— Curve-se, você está na presença daquilo o que é divino. — Uma voz suave e feminina entrou em seus ouvidos, fazendo com que seus olhos se enchessem de lágrimas.

Era bela aquela voz, trazia conforto. Paz.

Sem pensar muito, apenas se ajoelhou e pôs-se a orar, agradecendo e clamando por piedade.

— Sente-se em posição de reverência e apenas ouça o que tenho a dizer. — Apesar de suave e terna, a voz era firme. As ordens precisavam ser obedecidas, Rian bem sabia.

— Ouço com atenção. — Ele sussurrou, limpando as lágrimas dos olhos.

— Cian, o escolhido das terras da grande verdade, quer você, Rian, o mago, como seu protetor e guardião. — A voz parecia percorrer todo o corpo, preenchendo sua alma. — Você sabe as consequências. Estudou a vida inteira sobre cada um dos assuntos antigos. Aceite o que lhe foi dado, ou recuse e esqueça.

— Eu aceito! — Rian sequer pensou. Não podia deixar o melhor amigo sozinho. Sabia que Cian nunca estudara o suficiente, nunca se preparara o suficiente. — Leve-me, quero estar ao lado de meu irmão.

— Todas nós sabíamos que você era o homem certo.

Falando isso, a voz e todo o resto desapareceram. Por alguns instantes, Rian pensou que tudo havia acabado, e que talvez houvesse dado a resposta equivocada. Mas em seguida, um novo portal se abriu, com luzes, estrelas e cores.

— Se aceita verdadeiramente e de todo o coração, apenas entre e cumpra com o seu destino.

Rian balançou a cabeça, trêmulo e ansioso. Seu coração parecia martelar dentro do peito. Dando um passo atrás do outro, de forma lenta e insegura, ele caminhou na direção do portal.

E entrou.

Após isso, toda a sua vida terrena desapareceu. Enquanto viajava por entre as estrelas e o inexplicável, compreendeu o motivo pelo qual nascera. Compreendeu a própria existência.

Com um sorriso no rosto, apenas permitiu-se viajar.



Capítulo 9

Para Rian, a viagem durou o suficiente para que pudesse pensar e refletir acerca da própria existência e tudo o que conhecia como real. Por outro lado, para os outros, tudo demorou apenas poucos segundos.

Quando o portal se abriu, e Rian surgiu com as roupas negras de um mago, Cian literalmente correu para abraçá-lo, exatamente como Aisling fizera ao avistar Flya.

Cian crescera solitário, sempre fora assim. Por isso, ter o melhor amigo consigo era importante. Dava-lhe mais confiança em si mesmo.

— Nunca pensei que ficaria tão feliz em ver você. — Disse com um sorriso alegre.

— Sou o seu guardião agora. Devo proteger você. Acho que o mínimo que mereço é a sua alegria ao me ver. — Rian também sorriu. — Os tempos chegaram. Eu sabia que estavam próximos. Vai ficar tudo bem, eu sei que vai.

— Você estava certo. Tudo está prestes a acontecer. A guerra dos mil anos irá acabar em breve.

— Precisa estar preparado, Cian.

— Sim, eu sei.

Rian se virou na direção de Aisling e Flya, cumprimentando-as. Não houve muito tempo para conversa, pois as deusas reapareceram assim como haviam desaparecido pouco antes.

— Chegou a hora. — Afirmou Argani, segurando a espada com as duas mãos. — Não se esqueçam dos conselhos dados. Sigam os próprios corações, mas não atuem sem pensar. Vocês têm apenas uma chance. O equilíbrio depende da sua vitória.

Os quatro se ajoelharam, abaixando a cabeça.

— Agradecemos a oportunidade. — Disseram em coro.

— Levante-se, Rian. — Orla, a deusa do ouro e da perseverança, sorriu.

Assustado e surpreso, ele se levantou, sentindo as pernas tremerem um pouco.

— Não tema. Admiro a sua coragem. — Com as duas mãos, entregou um cajado revestido de ouro e prata, com uma grande bola de energia roxa no topo. — Um mago precisa do seu cajado. Use os seus feitiços com responsabilidade. Não se esqueça da sua missão.

— Obrigado. — Rian sorriu e segurou o cajado com firmeza. — Muito obrigado.

— Agradeceremos, caso tenham sucesso. — Sorrindo uma última vez, Orla se afastou, e Rian voltou a se ajoelhar ao lado dos outros.

— Levanta-se, Flya. — Lilarian, a deusa da natureza e dos animais, aproximou-se com um vestido longo e verde. — Use a natureza ao seu favor. A sua doçura e talento poderá ajudá-la. Você possui a personalidade de uma fada.

Com as duas mãos, Lilarian entregou um colar com um grande pingente circular que segurava uma bola de energia verde. Brilhava e flutuava.

— Obrigada. — Flya se curvou em agradecimento e voltou para o próprio lugar.

Por fim, Eimear bateu a espada três vezes no piso de mármore e ordenou.

— Cian e Aisling, os escolhidos, levantem-se.

Ambos obedeceram e seguraram as mãos, caminhando juntos até ficarem perto o suficiente.

Sem dizer palavra, Eimear movimentou a mão esquerda, um brilho de energia surgindo. Em seguida, balançou a espada.

Asas surgiram nas costas de Aisling. Seus cabelos ganharam tons um pouco mais claros de cinza. Um círculo prateado, como uma tiara, pousou em sua cabeça, protegendo-lhe os cabelos.

Seu corpo ganhou uma armadura com detalhes em diamante, seus olhos ganharam brilho.

— Use a sua energia para os feitiços. Você sabe como fazê-lo. Ouça o coração. — Eimear sorriu, orgulhosa. — Acreditamos em você, Aisling.

— Obrigada por confiar em nós. — Aisling sorriu com lágrimas nos olhos.

Em seguida, voltando-se para Cian, Eimear movimentou as mãos e a espada. Asas negras surgiram em suas costas, os cabelos ficaram mais escuros e uma armadura revestida de ouro negro tomou seu corpo.

— Cuidado com o orgulho e com a ira. Esses dois sentimentos já causaram a sua morte antes. Acreditamos em você.

— Obrigado. — Cian cerrou o punho e o pousou no peito. — Darei o meu melhor.

Argani abriu um círculo azul brilhante no panteão.

— Vocês precisam ir. Tomem cuidado. Não protegeremos vocês. Os escolhidos devem acertar sozinhos, ao lado, apenas, de seus guardiões.

Acreditamos em vocês.

Juntos, um ao lado do outro, caminharam na direção do portal circular. Estavam assustados, tinham medo, mas ao mesmo tempo, sentiam uma onda de esperança surgir.

Morrer não era uma opção. Precisavam recuperar as coroas e voltar vivos. Caso contrário, decepcionariam séculos de espera e confiança.

Aisling apertou a mão de Cian, olhando em sua direção. Apesar de tudo, sentia-se feliz.

— Eu amo você. — Sussurrou, pois, agora que podia libertar aquelas palavras em voz alta olhando diretamente para ele, sentiu que precisava fazê-lo sempre que tivesse a oportunidade. — Venceremos, juntos.

— Eu também amo você. Esperei a vida inteira para dizer isso segurando a sua mão. — Ele sorriu enquanto seu cabelo negro esvoaçava. — Venceremos, juntos. Fracassar não é uma opção.

Cian já não se sentia incompleto. Já não se sentia como uma farsa. Ao olhar para si mesmo e para os outros que estavam consigo, afirmou uma vez mais em silêncio que aquele era o seu lugar, que aquela batalha era exatamente o que precisava enfrentar.

Bastava de sonhos, disse para si mesmo. Agora, a realidade estava começando. E apesar de não se sentir totalmente preparado para enfrentar as possíveis consequências de uma guerra, sentia-se preparado para lutar. Pelo seu povo, por Aisling. E por si mesmo.

O portal ganhou força e as deusas cantaram um hino antigo em línguas estranhas, desejando sorte e inteligência, força e perseverança. Ao mesmo tempo, batiam as espadas contra o piso de mármore, lançando energias e desejos para que os escolhidos tivessem sucesso em seus propósitos.

Os quatro entraram no portal. Desaparecendo em segundos. O portal

se fechou e, no mesmo instante, silêncio se formou no panteão.

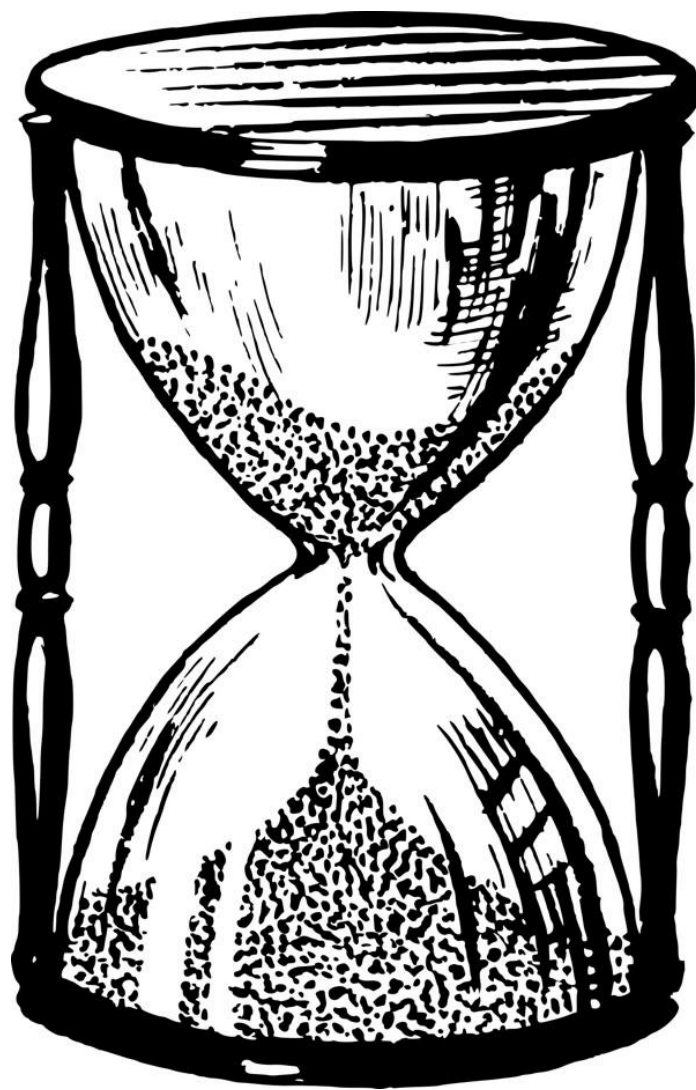
Durante a viagem, sentiram o corpo se desintegrar e se integrar centenas de vezes. Perceberam vidas indo e vindo, histórias sendo contadas e esquecidas, destinos sendo escritos e revelados.

Os anos foram desfeitos, a oportunidade foi dada. Se em um segundo estavam no panteão, no outro, voltaram aos tempos medievais, em uma época de guerra e medo, quando a guerra dos mil anos começava.

Com passadas lentas, adentraram no novo tempo. Dessa forma, a história começou a ser reescrita.

Uma última vez.

Parte II



O tempo corre. O tempo não espera. Quase nunca é possível olhar para trás.



Capítulo 10

Apenas o brilho da lua quebrava a escuridão da noite. Os raios prateados adentravam por entre as árvores, iluminando de forma frágil.

Aisling olhou ao redor e pousou a mão na cintura, sentindo o peso da coroa que havia retornado ao lugar em que havia sido guardada na época. Também tentou se lembrar do local e do momento em que estavam. E não demorou muito para compreender que haviam chegado uma noite antes da grande tragédia acontecer.

— A deusa Argani nos enviou para o espaço no tempo que começa uma noite antes do momento em que as coroas foram destruídas. — Aisling quebrou o silêncio. — Foi exatamente aqui que me capturaram. E foi exatamente aqui que pedi para que Cian partisse e buscasse uma forma de me salvar depois.

— Eu me lembro. — Flya sentiu um arrepio percorrer a pele. — Eles amarraram as asas de Aisling com cordas que mais pareciam correntes. Mas me ignoraram totalmente. Eu não tinha poder algum naquela realidade.

— Fracassei no momento em que acreditei que poderia vencer tudo sozinho. — Cian comentou com a cabeça baixa. — Não posso repetir o mesmo erro.

— Não podemos cometer erro algum. — Corrigiu Rian. — Sabemos

o que irá acontecer e podemos nos preparar para a batalha que ocorrerá aqui.

— Somos quatro agora. Temos poder. — Flya pousou a mão no pingente, sentindo a energia vibrar. — Iremos vencer.

— Você viu como eles são fortes. Não atacarão Cian, afinal ele é do mesmo povo. E tampouco atacariam Rian, pois ele é um guardião. Eles focarão em mim. Tentarão me levar a qualquer custo. — Além de tudo, Aisling sabia que não tinham muito tempo. Na verdade, pressentia que logo o ataque começaria, portanto, precisavam se preparar.

— É um ato de covardia atacar uma única pessoa dessa forma. — Rian apertou o cajado com as duas mãos, sentindo-se um pouco ansioso.

— Estamos na época em que a guerra dos mil anos havia acabado de começar. Os guerreiros estão cegos pelo poder. — Flya falava com a voz firme, claramente detentora de um grandioso saber. — Quando vencermos e voltarmos para o tempo certo, a guerra já estará prestes a terminar, e os guerreiros já compreenderão que o preço de manter uma guerra é alto de mais.

— Para que isso aconteça, é necessário que consigamos fazer dar certo. — Cian acrescentou. — Não temos tempo para construir um plano específico, mas, obviamente, todos os que não forem atacados devem focar em proteger Aisling e a coroa.

— Você está com a sua coroa, não está? — Perguntou Aisling para Cian.

— Sim. Está aqui. — Ele pousou a mão ao lado do corpo, sentindo o peso do ouro. — Como não serei atacado, não corro nenhum risco. Mas acredito que você deveria entregar a coroa para Rian, para não corrermos o risco de perdê-la.

— Sim. — Aisling prontamente desprendeu a corrente com a coroa da cintura e a posicionou na cintura de Rian. — Tome cuidado. Se perdermos as

coroas, fracassaremos.

— Não se preocupe. — Rian sorriu, como se tentasse acalmá-la.

Em silêncio, Flya estremeceu quando o pingente começou a brilhar em um tom intenso de verde.

— Estão vindo. — Sua voz soou seca. — O ar está me avisando, está me fazendo sentir o bater das asas negras que se aproximam.

— O que poderíamos fazer? Ficar e lutar ou fugir e tentar se esconder?

— Fugir e tentar se esconder. Não tivemos tempo para nos preparar. — Afirmou Cian, começando a levitar quando as próprias asas se movimentaram.

Mas era tarde demais. Cerca de cinco guerreiros das terras da grande verdade se aproximaram, cortando o ar e transpassando as árvores.

— Peguem ela! — Gritou um deles. — Senti o seu odor de longe. Eu sabia que não estava equivocado!

Quatro dos guerreiros voaram ainda mais rápido, quase como um trovão. O brilho negro das asas cortava o brilho da lua.

Aisling sentiu o coração retumbar no peito. Medo. Estava com medo.

Para a sua surpresa, Rian e Flya se colocaram na linha de frente. Ele bateu o cajado três vezes no chão de terra molhada enquanto seus lábios se movimentavam velozmente. Os olhos brilharam e uma bola de energia negra se formou em suas mãos.

Não esperou que os quatro guerreiros se aproximassem. Lançou a bola gigantesca por entre as árvores, acertando dois deles.

Ao lado de Rian, Flya levantou os braços e girou ao redor de si mesma. Lançando ordens e feitiços. Permitindo-se conectar com o poder da terra.

Em poucos segundos, raízes surgiram no chão quase como garras,

prendendo os dois guerreiros quase inconscientes.

Sem esperar para continuar vendo a batalha, Cian segurou a mão de Aisling, puxando-a para longe, cortando o espaço com as asas fortes.

— Você não pode paralisar quando estiver com medo. — Gritou enquanto avançavam no céu, para o mais longe que pudessem. — Você precisa agir.

E naquele instante, Aisling despertou do próprio medo. Voou e observou, até encontrar uma caverna distante.

Ao mesmo tempo em que Cian e Aisling se escondiam, Flya e Rian prosseguiram com a batalha.

Ao contrário do que todos imaginaram, nenhum dos dois foi poupado dos ataques.

— Seres malditos e inferiores! — Gritou um dos guerreiros. — Pensam que podem contra um exército?

Flya sentiu um arrepio percorrer a sua pele, quase como um aviso de que as coisas iriam piorar.

— Precisamos ir embora daqui. Eles vão chamar reforços e não teremos nenhuma chance de vitória. Eu sei e sinto. — Enquanto falava, imaginou as árvores se transformando em combatentes.

E assim como em sua imaginação, as árvores enormes passaram contra os guerreiros de asas negras. As raízes prendiam e amarravam, sufocando. Os galhos perfuravam e matavam.

— Venha! — Gritou Rian quando, por fim, conseguiu evocar um portal de locomoção.

De mãos dadas, entraram e em poucos segundos estavam na caverna onde Cian e Aisling decidiram se esconder.

— Céus, estou trêmula. — Flya caiu de joelhos, pousando as duas mãos no chão enquanto sentia as lágrimas escorrerem lentamente. —

Conseguimos. Passamos pela primeira batalha.

— O problema é que mudamos o que estava escrito. A partir de agora, já não podemos prever o que irá acontecer. Estamos escrevendo uma nova história. — Relembrou Rian, sentindo-se exausto. Jogou-se no chão, recostando-se em uma pedra enorme.

Usara muita energia interna para recitar os feitiços. Agora, sentia que podia dormir por dias inteiros.

— Mas iremos conseguir. Conseguimos até agora. — Aisling abaixou a cabeça e uniu as mãos. — Muito obrigada por me salvarem. Devo a minha vida a vocês. Eu simplesmente paralisei e...

— Está tudo bem. — Flya, que ainda estava de joelhos tentando recuperar as energias, levantou o olhar e sorriu. — Somos um grupo lutando pelas mesmas razões. Estamos aqui com um propósito.

— Sim, estamos aqui com um propósito. — Cian balançou a cabeça em sinal positivo. — Mas agora precisamos descansar. Todos. Não sabemos o que nos espera.

— Mas antes precisamos nos proteger. Criar formas de nos despistar.

Ainda um pouco sem fôlego, Flya se levantou e se aproximou de Aisling. Com as duas mãos, recitou um feitiço simples que mudava o cheiro natural que ela emanava.

— Flores e campo. Esses são os seus cheiros agora. Não conseguirão rastrear você.

— Quanto tempo dura o feitiço?

— Até o amanhecer.

— Obrigada. — Aisling segurou as duas mãos da amiga, beijando-as. — Obrigada por tudo.

— Não precisa agradecer. Amo você, minha amiga. — Em seguida, Flya voltou-se para Cian. Refez o feitiço e também alterou o cheiro que ele

emanava. — Almíscar e madeira. Esses são os odores que você irá exalar pelas próximas horas. Assim, ninguém será rastreado.

— Obrigado, Flya.

Mesmo exausto, Rian se levantou segurando o cajado com as duas mãos. Silenciosamente, movimentou os lábios e criou um escudo que tinha tons de negro e azul marinho. A entrada da caverna foi fechada, quase como se não existisse.

— Agora será impossível que possam nos encontrar. — Flya sorriu e deu dois tapinhas nas costas de Rian. Dando um toque final, estalou os dedos e várias labaredas se formaram, clareando a caverna levemente.

— Vocês são incríveis. — Afirmou Aisling, impressionada.

— Somos guardiões. Temos alguns talentos. — Rian sorriu e lançou uma piscadela. — Mas se me permitem, realmente preciso dormir, ou sinto que irei desmaiar a qualquer momento.

— Precisa de algo? — Perguntou Flya, sinceramente preocupada com todo o esforço que ele tivera na batalha.

— Não, estou apenas exausto. Uma boa noite de sono irá ajudar. Acredito que você também esteja cansada.

— Totalmente.

— Então durma, bruxa da floresta.

— Tudo bem, bruxo da noite.

Juntos, os quatro adormeceram um ao lado do outro. Como família. Mas ao contrário do que sempre acontecia, dormiram em um sono completamente sem sonhos.

A verdade era que os sonhos haviam se tornado uma realidade. E agora, tudo o que podiam fazer era simplesmente vivê-la.



Capítulo 11

A manhã começou calma. O sol estava brilhante no céu sem nuvens, e o ar parecia fresco. Quase como se uma guerra não estivesse ocorrendo naquela realidade.

— Para onde devemos ir com as coroas? — Perguntou Rian.

— Para o Templo das Sete Irmãs. Precisaremos ir caminhando, não acho que seja uma boa ideia corrermos o perigo de sermos vistos pelos céus.

— Respondeu Cian. Seus cabelos negros estavam rebeldes, bagunçados. Apesar de ter dormido bem durante a noite, seus olhos pareciam um pouco cansados.

— Chegaríamos ao anoitecer. De lá, poderemos entrar no portal de volta para a realidade do panteão. — Acrescentou Aisling. — Não sei como me lembro de todas estas informações, mas simplesmente me lembro.

— Não seria mais fácil simplesmente eu evocar um portal de locomoção? — Rian segurava o cajado, aparentemente com um pouco mais de energia do que na noite anterior.

— Não. O Templo das Sete Irmãs é local sagrado. Ninguém pode expor o próprio poder dessa forma. O seu portal seria bloqueado e nós nos perderíamos no vazio. — Cian estalou a língua. — Não existe um caminho

fácil. Precisaremos enfrentar o que quer que esteja por vir. Agora que voltei exatamente para estas terras e este tempo, consigo lembrar de todas as informações que eu obtive em minha outra vida.

— Ótimo. Iremos chegar ao templo, mas primeiro precisamos comer alguma coisa. Rian e eu ainda não recuperamos as energias completamente após a batalha de ontem. Necessitamos nos alimentar. — Flya, que estava sentada no tronco de uma árvore caída, se levantou. — Alguém poderia me acompanhar?

— Eu posso ir com você. — Cian se ofereceu. — Rian ainda está exausto. Pode ficar na caverna com Aisling e as coroas enquanto nós recolhemos comida.

— Não iremos demorar muito. — Flya abriu um leve sorriso. — Ficará tudo bem.

Aisling caminhou com Rian para dentro da caverna e apenas observou enquanto ele voltava a fechar a entrada.

Juntos, Flya e Cian adentraram na floresta. Não era tão distante do esconderijo onde haviam dormido, e tudo parecia estar extremamente calmo e silencioso.

— Estamos conseguindo lidar muito bem com tudo isso. Iremos conseguir. — Flya era a mais positiva dos quatro. Seus cabelos vermelhos pareciam brilhar com os poucos raios de sol que conseguiam atravessar os galhos das árvores. Ao olhar diretamente para ela, Cian percebeu que Flya quase parecia uma fada. Havia certo brilho em sua áurea e a natureza simplesmente combinava com a personalidade dela.

— Gosto da sua positividade. É bom ter alguém sempre disposto a ver o melhor das coisas.

Flya apenas balançou a cabeça, ajoelhando-se para colher alguns cogumelos.

— Estes não são venenosos. — Ela sorriu. — Podemos preparar um bom café da manhã. Ali, você pode recolher os que estão próximos daquela árvore.

Flya apontou e Cian apenas obedeceu ao comando, ajoelhando-se de costas para recolher os cogumelos.

Demorou, literalmente, apenas alguns segundos para que guerreiros das terras dos sonhos aparecessem. Foram tão silenciosos e rápidos, que Cian sequer percebeu. Quando, por fim, voltou a se levantar com os cogumelos nas mãos, assustou-se com os três guerreiros que haviam surgido de forma tão abrupta.

— Levaremos você. — Um deles apontou a espada para Cian. — E deixaremos a fada viva. Não estamos aqui por ela. Estamos aqui para matar você. Uma vida pela outra.

— Não, Cian. — Sussurrou Flya, assustada. Ficara tão concentrada enquanto recolhia os cogumelos que sequer percebera a mensagem que a natureza tentara lhe enviar. — Apenas fuja. Lembre-se dos conselhos que recebeu. Esqueça-se do orgulho.

— Não ouça a fada a tola. — Dois dos guerreiros seguravam Flya com violência, pressionando as espadas imensas em seu corpo magro. — Caso decida lutar, mataremos ela. E em seguida mataremos você.

As asas de Cian se movimentaram no ar enquanto ele desembainhava a espada. Seu coração martelou velozmente. Ele não podia permitir que Flya morresse, mas tampouco agiria com arrogância.

Precisava reconhecer os próprios limites. Eram três os guerreiros contra ele. Teria forças para vencer?

— Tolos são vocês! Não percebem que toda essa guerra é estúpida? Precisamos de equilíbrio. Os seus sonhos podem se equilibrar com a realidade do meu povo! Realmente acham que matar é a melhor forma? — Cian

segurou a espada com mais força quando o guerreiro se movimentou, flutuando no ar.

— Sim, matar é a melhor forma. — Sem esperar para manter a conversa, ele girou a espada em um golpe quase mortal, acertando a armadura de Cian com força. Recuperando-se o mais rápido que pôde, Cian girou a espada, acertando-o na asa esquerda e fazendo-o gritar em fúria.

— Cortem o pescoço da fada! — Ordenou enquanto seu sangue brilhante escorria ao chão.

— Não, não faça isso! — Cian praticamente implorou, mas os guerreiros eram impiedosos. Estavam cegos em nome da guerra.

— Fuja, Cian! — Com lágrimas nos olhos, Flya evocou o avivamento das árvores, fazendo com que as raízes formassem uma parede entre Cian e os outros guerreiros. — Vá embora, não olhe para trás! Faça o que precisa ser feito e proteja Aisling, proteja o equilíbrio!

Ele quis ficar e lutar. Quis salvá-la. Mas soube que seria inútil. Por isso, voou por entre as árvores, sentindo-as se fechando atrás de si, impedindo que qualquer ser o perseguisse.

Seu coração doeu. Sentiu-se inútil e fracassado por não haver salvado Flya. Ela era a melhor amiga de Aisling, afinal. Mas o que poderiam ter feito?

Enquanto Cian desaparecia por entre as árvores, Flya se ajoelhou aos pés dos guerreiros.

— Piedade, por favor... — Sussurrou com os cabelos vermelhos cobrindo-lhe o rosto.

Ao fechar os olhos, imaginou a terra se abrindo, os guerreiros sendo devorados pela natureza. Mas ao mesmo tempo, ainda estava fraca da batalha que ocorrera na noite anterior.

Por mais que tentasse, parecia-lhe impossível seguir em frente. Seguir

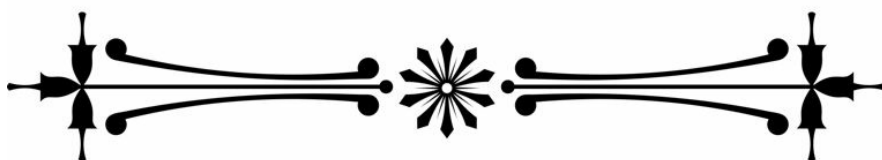
lutando.

— Traidora. Você é uma traidora. — Um dos guerreiros disse. — Não planejávamos atacar você. Gostamos de fadas.

— Deveriam planejar não matar ninguém! — Gritou, furiosa. — Acha justo tirar a vida de inocentes apenas para demarcar poder? As deusas não estão felizes. Caso não terminem com isso, pagarão por muito, muito tempo!

— Cale-se, insolente! Um ser inferior não deve gritar em nossa presença! — O guerreiro lançou um tapa, fazendo sangue jorrar do seu nariz e dos lábios finos.

Naquele instante, Flya soube que não sobreviveria.



Aisling estava sentada conversando com Rian quando um aperto profundo tomou seu coração. Lágrimas surgiram em seus olhos e a voz de Flya, clara e doce, chegou aos seus ouvidos. Aos seus pensamentos.

“Eu sei que errei com você em nossa vida passada. Sei que fugi quando deveria ter ficado e lutado.

Hoje eu fiquei, hoje eu lutei. Não podia deixar que encurralassem Cian. Ele é o equilíbrio.

Estou partindo, Aisling. Simplesmente sei que eles não terão piedade. Mas, por favor, não desista.

Estou dando a minha vida em nome daquilo o que estamos lutando,

então não desista. Eu sei que você irá conseguir.

Amo você, minha amiga.

Aisling, existem famílias de sangue e as famílias que escolhemos. E eu fui a pessoa mais feliz do mundo inteiro por ter escolhido você como a minha irmã. Por ser a sua protetora.

Obrigado por tudo. Desculpe-me por não retornar. E não se esqueça: Lute como uma mulher. Você sabe o poder e a força que existem dentro de si.”

Quando a voz de Flya se calou, Aisling se ajoelhou e chorou. Chorou como se uma parte da sua alma estivesse partindo.

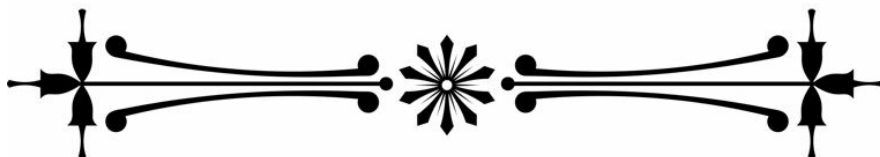
— O que houve? — Perguntou Rian, assustado ao se ajoelhar para acolhê-la em seus braços.

— Eles capturaram Flya! Eles estão prestes a matá-la! — O corpo de Aisling estremecia tamanha era a sua dor enquanto as lágrimas não paravam de escorrer.

— Podemos lutar! Ainda há tempo, podemos ir até lá e...

— Não. Ela não irá sobreviver. — Aisling levantou o olhar na direção de Rian. — Apenas me abrace. É tudo o que eu preciso.

Em silêncio, Rian pousou os braços ao redor de Aisling e a abraçou, dando todo o conforto que podia ao seu coração.



Ao terminar de enviar a mensagem mental para Aisling, Flya se sentiu

totalmente consumida.

— Não vai dizer mais nada? — Perguntou o guerreiro. — Vai ficar em silêncio?

— Não tenho mais nada a dizer. Faça o que quer fazer.

Sem piedade, o guerreiro lançou a espada contra o corpo magro, acertando-a diretamente no coração.

Flya sentiu dor. Sentiu quando a sua alma se apagou, lentamente, quase como uma chama que deixa de existir. Quando ele retirou a espada, o corpo já sem vida caiu ao chão, manchando-o com o sangue.

— Destrua o amuleto. — Ordenou um guerreiro ao outro.

O outro guerreiro arrancou o amuleto do pescoço de Flya e o despedaçou com os dedos fortes.

E assim, a natureza entrou em revolta. Nuvens pesadas surgiram no céu e raios começaram a cair diretamente na direção dos três guerreiros.

— Vamos embora! — Disse um deles, mas foi tarde demais.

Três raios azuis desceram dos céus, matando-os quase que instantaneamente. Os corpos, totalmente queimados, ficaram estirados ao lado do de Flya.

A terra se abriu e raízes recolheram os corpos dos três guerreiros, apertando e dilacerando até que não fosse possível reconhecer coisa alguma.

Por outro lado, o corpo de Flya foi revestido por raízes e flores, e ali no local da sua morte, surgiu uma árvore que permaneceria viva até o fim dos tempos.

Flya partira como uma heroína. Lutara pelo que acreditara e pagara o preço por acreditar.



Capítulo 12

Antes mesmo de Cian chegar, de fato, ao esconderijo, ele sentiu que Aisling já sabia acerca da morte de Flya. Sentiu a energia que vibrava ondas de tristeza e, acima de tudo, culpa.

Ao entrar na caverna, encontrou Rian ajoelhado com os braços ao redor de Aisling, consolando-a. Seu coração se despedaçou ao ver a mulher que amava tão mortalmente triste.

De alguma forma, sabia que era responsável por aquilo. Sabia que Flya morrera para salvá-lo.

Com o rosto vermelho, Aisling levantou a cabeça e olhou na direção dele. Lágrimas escorreram por suas bochechas.

— Eu sinto muito. — Ele sussurrou, sem saber como agir ou o que fazer. — Fomos cercados por guerreiros. Ela lutou com muita bravura. Fez o que pôde. Mas...

— Ela sentiu dor, Cian. — Aisling pousou a mão no peito. — A dor que ela sentiu, eu também senti. Quando fincaram a espada em seu peito, dividi o horror com ela. E por mais que eu tenha tentado aliviar o seu sofrimento, acredito que não foi o suficiente. Ela sofreu. Eu não estava ao lado da minha melhor amiga quando ela mais precisou.

Quando Aisling abaixou a cabeça e começou a soluçar mais uma vez,

Cian se ajoelhou aos pés dela. Rian se afastou, em silêncio, e tratou de ficar em um dos cantos mais afastados da caverna. Sabia que precisava deixá-los sozinhos para que pudessem conversar.

— Você fez o que podia ser feito. Eu sinto muito. — Cian a abraçou. Sentiu o odor feminino, o corpo que naquele instante pareceu estar tão frágil. — Eu gostaria de tê-la salvado, mas não pude. Eles eram três, não podia correr o risco e...

— Você agiu exatamente como precisava agir. — Ela voltou a levantar o olhar.

Cian sentiu uma onda de amor e apreço tomar seu coração.

Amava aquela mulher, disse a si mesmo. Primeiro, apaixonou-se através dos sonhos, mas agora, apaixonava-se cada vez mais com a realidade.

— Eu amo você. — Foi tudo o que ele disse por alguns instantes. — Sei que o seu coração está repleto de dor agora. A dor irá continuar por um bom tempo. Mas quero que saiba que estou aqui. E que eu amo você. Não estamos mais perdidos em sonhos, Aisling. Estarei ao seu lado. Não irei partir ao amanhecer.

— Qual o sentido da guerra, Cian? — Havia certa escuridão no semblante de Aisling. Havia dor e ressentimento. — Qual o sentido de matar pessoas inocentes? De morrer em batalha?

Cian levantou a mão e limpou as lágrimas do rosto feminino com cuidado. Com carinho.

— A guerra é sobre domínio, minha Aisling. Um povo quer dominar o outro. — Ficou em silêncio por algum tempo, avaliando as próprias palavras. — Eles querem dominar os corpos, as almas, as vitalidades. E quando dominam tudo isso, também dominam a vida.

— O preço me parece alto demais. — Ela fechou os olhos enquanto sentia as carícias em seu rosto.

— O preço é alto demais. — Ele a puxou para si, fazendo-a pousar a cabeça em seu peito. — Não existem vencedores em uma guerra.

Ficaram vários minutos em silêncio. E, em um rompante, Aisling voltou a levantar a cabeça, limpando as lágrimas.

— Precisamos partir. — Afirmou, ainda com a voz um pouco quebradiça, mas soando mais segura. — Flya não morreu toa. Iremos seguir com a missão e fazer o que for preciso.

— Sim. — Cian abriu um leve sorriso. — Faremos o que for preciso.

Cian era um homem inteligente e calmo. Parecia sempre estar pensando em alguma coisa, analisando. Refletindo.

Para muitos, aquele detalhe em sua personalidade podia parecer arrogância e até mesmo frieza. Mas para Aisling, demonstrava que ele pensava antes de agir. Avaliava as diversas implicações das próprias atitudes.

Mas acima de qualquer coisa, a forma com que ele sempre fizera com que ela se sentisse única, fora o fato responsável por fazê-la se apaixonar por ele.

Quando Cian a olhava, era como se o mundo inteiro parasse. E, naqueles momentos, Aisling se sentia plena. Se sentia dele, assim como ele era dela.

Com tais pensamentos em mente, se aproximou e o beijou.

— Obrigada por estar ao meu lado. — Sussurrou.

Com isso, ambos se reuniram com Rian e partiram da caverna, rumo ao desconhecido.

Estavam muito mais atentos agora. Buscavam as áreas e caminhos que possuíam energias mais leves. E Aisling não resistiu às lágrimas quando percorreram o caminho em que Flya havia sido morta.

Ali, havia uma árvore imensa rodeada de flores dos mais diversos tipos. Raízes cresciam ao redor e formavam um santuário. Ali, a energia era branda

e pacífica. Doce. Exatamente como Flya fora em vida.

— Ela morreu como uma heroína. — Comentou Rian.

— Lutou até o último segundo. — Acrescentou Cian.

— Ela conversou comigo antes de partir. Em meus pensamentos. — Aisling pousou a mão no peito. — Partilhamos uma conexão de uma vida inteira juntas. E agora ela se foi. Ela se sentia culpada por haver fugido e me deixado morrer em nossa vida anterior, mas agora eu me sinto culpada por não haver estado ao lado dela quando ela mais precisou.

— Para que haja vida, é necessário que exista a morte. — Cian pousou uma das mãos na cintura de Aisling. — Ela cedeu a vida dela para que nós pudéssemos vencer. Venceremos por ela. E por todos que já morreram nessa guerra entre os nossos povos.

— Sim, venceremos. — Aisling tocou o símbolo da natureza que brilhava levemente no caule da árvore e em seguida voltaram a percorrer o caminho que levava ao Templo das Sete Irmãs.

O percurso era longo e extremamente cansativo. Além disso, era ainda mais difícil para Rian, que precisava gastar boa parte da sua energia tentando rastrear a presença de seres inimigos.

Passaram as horas seguintes caminhando sem parar, e ao longe, em um morro extremamente distante, era possível observar a grandeza do templo.

— No meio do caminho irá acontecer uma batalha. — Disse Rian, quebrando o silêncio. — Não é possível saber exatamente em que momento da nossa caminhada os povos se enfrentarão, mas irá acontecer.

— Não temos outro caminho além desse. Daqui em diante, o percurso é único. — Aisling estremeceu. — Eles não ousariam desrespeitar a área sagrada do templo.

— Sim, ousariam. Estão cegos. A guerra começou porque querem impor as próprias verdades. E às vezes, impor as próprias verdades pode

representar enfrentar até mesmo os deuses. — Rebateu Cian, triste.

— As nuvens apontam que irá chover. Precisamos avançar até onde for possível e torcer para que a batalha entre eles não nos inclua. — Disse Rian.

— Você está sentindo a energia de algum ser estranho? — Aisling suspirou profundamente. — Não sinto o cheiro de nenhum guerreiro.

— Acho que os nossos talentos de rastreio ainda não são tão bons, Aisling. Os guerreiros são muito melhores. Flya era a mais talentosa entre todos, pois recebia mensagens da própria natureza.

— Mas Flya já não está mais aqui. — Afirmar aquilo levou uma pontada ao coração de Aisling. Tentando evitar pensar no assunto, voltou a caminhar rapidamente, buscando avançar o máximo que podia. — Caminharemos por mais três horas e depois podemos encontrar algum lugar para descansar. Não comemos quase nada durante o dia inteiro. Rian, você acha que o que colhemos no caminho é o suficiente?

— Sim, não se preocupe. — Rian sorriu. — E não consigo identificar nenhuma energia estranha se aproximando. Melhor continuarmos andando antes que nos rastreiem.

Em silêncio, prosseguiram. O sol, que antes brilhava no céu, começava a perder a força. As nuvens cresciam e alguns raios estrondavam ao longe.

Uma tempestade se aproximava, era óbvio. E apesar de permanecerem em silêncio, os três sentiam medo do que podia estar por vir.

No entanto, mesmo com medo, decidiram que seguir em frente era a única opção, afinal não tinham escolha. Precisavam vencer.

Foi exatamente duas horas mais tarde, quando pararam para comer alguma coisa e beber água, que a tempestade arrebentou no céu. Era praticamente impossível enxergar com toda a chuva e ventania.

— As deusas parecem estar furiosas. — Rian semicerrou os olhos, sentindo o vento forte machucar a pele.

— Elas estão. Acredito que não podemos seguir caminhando. É perigoso. — Na verdade, tudo parecia perigoso aos olhos de Cian. Qualquer escolha que fizessem envolvia riscos. — Se voarmos, podemos chegar mais rápido.

— Mas assim, poderiam nos encontrar mais facilmente. Talvez não seja uma boa ideia.

— Somos três agora. — Rian parecia pensativo. — Não sei se posso resistir por muito tempo, mas poderia criar um campo de energia protetora enquanto voamos. Depois, encontraríamos um lugar para nos esconder até que a tempestade termine.

— Parece um bom plano. — Cian balançou a cabeça.

— Melhor partimos de uma vez. — Aisling bateu as asas e flutuou.

— Suba em minhas costas. — Cian sorriu na direção do melhor amigo.
— Vamos fazer um passeio.

Rian subiu e o abraçou, segurando o cajado com uma das mãos. E em poucos segundos, flutuaram pelo céu.

As gotas grossas de chuva e o vento dificultavam a visão e faziam com que as asas ficassem mais pesadas, mas pareciam estar avançando muito mais rápido apesar do perigo.

— Ali! — Rian apontou com o cajado, uma hora mais tarde. — Podemos parar em uma caverna que está localizada entre aquelas árvores?

— Como você sabe?

Rian piscou algumas vezes e suspirou, impaciente.

— Eu sei, eu sinto.



Capítulo 13

Decidiram que parar naquele local para que pudessem descansar um pouco era uma boa ideia. Passariam o resto da noite ali e finalizariam a caminhada no dia seguinte. Aquela opção parecia mais segura, afinal não podiam prosseguir se sentindo tão cansados e despreparados. Seria tolice.

Mas enquanto diminuía a altitude, o sorriso de Rian se desfez. Sentiu uma energia extremamente pesada vindo dos dois lados.

— A batalha. — Foi tudo o que conseguiu dizer. As diversas energias eram tão extremas e negativas, que todo o seu corpo se contraiu. Um arrepio reverberou, assustando-o. — Haverá uma imensa batalha. Eles estão vindo. Precisamos fugir. A caverna não seria um local seguro.

— Você pode criar um portal de locomoção? — Perguntou Cian.

— Não. Gastei muita energia criando o campo de proteção e rastreando possíveis inimigos. — O corpo de Rian voltou a estremecer. — A batalha será grande. Posso sentir centenas de ambos os povos vindo de todos lados para algo que vai acontecer não muito longe daqui. Se eles descobrirem que estamos por perto, será o nosso fim.

— Acha que caminhar é mais seguro do que voar? — Aisling sentiu o corpo enrijecer em tensão.

— Sim, talvez sim, mas talvez não. É difícil saber. As energias estão

se confundindo. Sinto o perigo de forma muito clara, mas não tenho como dizer onde ocorrerá a batalha ou quando.

A chuva torrencial prosseguia. Era necessário gritar para que pudessem se fazer ouvir.

— Acredito que devemos avançar um pouco mais. — Cian sabia que não havia outra opção. Aquele era o único caminho. Caso não seguissem em frente, seriam obrigados a retroceder.

Já haviam ido longe demais para retornar.

— Sinto que essa é a melhor opção. — Rian se aprumou nas costas do amigo. — Iremos entrar no meio da batalha de todo jeito.

Com todos os sentidos em alerta, avançaram pelo caminho, indo contra a chuva e o vento que se tornavam cada vez mais intensos. Após alguns poucos minutos, era possível ouvir o som alto de hinos sendo ecoados por vozes poderosas.

— Estão anunciando batalha. Ambos os povos. — Comentou Rian ao ouvido de Cian.

Quanto mais prosseguiam, mais alto se tornavam as vozes.

— Acredito que agora devemos descer. Seguir caminhando. — Cian sugeriu.

— Sim. Provavelmente a batalha será nos céus.

Diminuíram a altitude e caminharam. Naquela parte do caminho, haviam pedras e inclinações. Era mais difícil para Rian prosseguir, mas ele dava o melhor de si para conseguir acompanhar os outros dois companheiros.

E foi exatamente durante a escalada de percurso mais acentuado que dez guerreiros das terras dos sonhos surgiram empunhando as espadas gigantescas e entoando hinos de batalha.

Inicialmente, os guerreiros sequer perceberam a presença de Aisling, Cian e Rian. Não esperavam encontrar ninguém ali, por isso não rastrearam

nada. Aparentemente, estavam se distribuindo para tentar realizar a tomada das terras através de grupos.

Mas não demorou muito para que um deles percebesse e avisasse todos os outros.

— Lutar contra um deles já é difícil. — Aisling bateu as asas, planando. — Lutar contra dez é tolice. Impossível vencermos.

— Estamos cansados. — Rian terminou de subir a área acentuada e sugou o ar para os pulmões, exausto. — Não somos guerreiros. Não estamos acostumados com nada disso.

— Precisamos fugir, então. Lutar não é uma boa ideia. — Sugeriu Cian.

— Lutar não é uma opção.

Cian agarrou o amigo, colocando-o em suas costas e, ao lado de Aisling, puseram-se a voar velozmente por entre as árvores. No entanto, os dez guerreiros trataram de persegui-los.

Não atacariam Aisling, afinal ela era um deles. Provavelmente tampouco atacariam Rian. Naquele instante, o foco estava totalmente isolado em Cian.

Os três, juntos, eram poderosos. O grande problema era a falta de energia. Haviam caminhado demais. E, sem dúvidas, o mais afetado era Rian, que dependia totalmente das forças do próprio corpo para entoar feitiços.

Mesmo assim, mesmo tão exausto, seus lábios começaram a se movimentar. Levantou o cajado e olhou para trás. Seus olhos brilharam quando bolas de fogo negro foram lançadas contra os guerreiros.

Apesar da dificuldade, foi capaz de acertar quatro deles, derrubando-os. No entanto, seis ainda voavam velozmente e se aproximavam cada vez mais.

— Acerte mais dois e então poderemos lutar! — Exclamou Cian.

Rian voltou a entoar. Seu corpo inteiro estremeceu, sugando a energia quase nula que restou em seu ser. As bolas de fogo voltaram a surgir e atingiram mais três dos guerreiros.

No mesmo instante, Cian e Aisling diminuíram a altitude e voltaram para o chão.

— Não estamos aqui para guerrear! — Gritou Cian quando os guerreiros se aproximaram. — Viemos em paz, para uma missão. Por favor, nos deixe partir.

— Como ousa pedir-nos um favor? — Um dos guerreiros gritou. — Você é o inimigo!

— Por qual razão? Simplesmente porque sou um dos filhos das terras da grande verdade?

— Vocês estão tentando tomar o nosso espaço na realidade do povo humano. Nós estávamos em paz. Nunca havíamos pensado em batalha! Fomos obrigados a tocar em espadas pela primeira vez na história por culpa da pura ganância do seu povo! — O guerreiro levantou a espada, girando-a no ar. — E agora que estamos em guerra, não me incomode de fazer o que vocês nos obrigam a fazer.

— Estamos aqui para isso, para acabar com a guerra. — Aisling se posicionou na frente de Cian. — Eu sou uma filha das terras dos sonhos. Eu não trairia o meu povo. Se vocês não pararem a guerra agora, as deusas lançarão uma maldição nos dois povos e vocês serão obrigados a guerrear por mil anos, até que as forças e o orgulho morram dentro das suas almas.

Os guerreiros riram, sarcásticos.

— Mil anos de guerra? Nenhum povo resiste a tanto tempo em batalha.

— Então parem! — Clamou Aisling. — Caso permaneçam mil anos em batalhas, boa parte da população de ambos os povos irá morrer. Faltará

recursos. As terras, as nossas terras, serão manchadas de sangue. O sangue do nosso povo ficará marcado na história.

— Você aborda a realidade como um deles. — Um dos guerreiros disse, sentindo nojo. — Onde estão os seus sonhos?

— Onde estão os meus sonhos? — Aisling precisou gritar quando um trovão ecoou no céu. Lágrimas se uniram às gotas de chuva que escorriam por sua bochecha. — Os meus sonhos morreram no segundo em que mataram a minha melhor amiga.

— Nenhum de nós atacaria um dos nossos.

— Ela era uma humana com espírito e alma de fada. Estava lutando por nós, para acabar com a guerra entre os povos. — Aisling pousou a mão no coração, sentindo dor. — Nós tínhamos a conexão de uma vida inteira. Éramos família. Eu senti quando um de vocês fincou a espada em seu peito. Eu dividi a dor com ela. Por isso, não perguntem onde estão os meus sonhos. Vocês roubaram os sonhos que haviam em mim!

Os três guerreiros cerraram os punhos, pousando-os no peito. Abaixaram as espadas e se curvaram por alguns segundos.

— Pedimos desculpas e respeitamos a sua dor. — Afirmaram.

— O nosso povo não deveria roubar sonhos. Mas é exatamente isso o que vocês estão fazendo. — Rebateu Aisling.

— São eles! — Um dos guerreiros apontou na direção de Cian. — Eles são os que trazem a guerra! Estávamos em paz!

— Uma guerra só acontece se os povos estiverem dispostos a guerrear. E vocês estão. — Aisling abaixou a cabeça. — Me sinto decepcionada com o meu povo. Por favor, precisamos partir. Estamos exaustos.

— Podemos deixar você e o mago partirem em paz. Mas é nosso dever exterminar o guerreiro que está ao seu lado.

Sem esperar qualquer tipo de conversa ou negociação, voltaram a levantar as espadas e avançaram velozmente contra Cian.

Dois, ao mesmo tempo, o acertaram na armadura, arremessando-o longe contra uma árvore.

— Eu gostaria de não ter que fazer isso. — Aisling bateu as asas e voou. Segurou a espada com força e, como se lembrasse dos treinamentos que tivera na vida anterior, girou no ar e fincou a lâmina do pescoço de um dos guerreiros. Sem querer pensar no que estava fazendo, continuou a guerrear.

Cian recuperou os instintos logo em seguida. Quando abriu os olhos, observou os dois guerreiros restantes cercando Aisling, deixando-a exausta. Não a matariam, mas seguiriam lutando até que já não tivesse mais forças.

Ele saltou no ar e cortou a cabeça de um dos seres.

— Parem! — Gritou Rian, apoiando-se no cajado. — Cian e Aisling, fiquem atrás de mim!

Cian obedeceu e Aisling fez o mesmo, se desvencilhando dos guerreiros.

No instante em que os três se reuniram, Rian passou a entoar um feitiço, praticamente gritando.

Seu corpo estremeceu, os olhos reviraram. Uma bola de energia negra gigantesca se formou e foi lançada. Eclodiu diretamente no campo em que os guerreiros estavam.

Tudo o que restou foi pó.

Mas quando se certificou de que Aisling e Cian estavam em segurança, as pernas de Rian fraquejaram e seus olhos se fecharam. Se em um segundo havia vida, no outro existia apenas a escuridão.



Capítulo 14

Cian sentiu o desespero percorrer as suas veias quando viu Rian perder a consciência e desmaiar. Aproximou-se o mais rápido que pôde para pegá-los nos braços.

— Por favor, desperte... — Abraçou o amigo. Seu corpo parecia completamente sem vida, mas ainda era possível sentir o pulso fraco. — Precisamos chegar o mais rápido possível ao templo, Aisling.

— Já não estamos muito longe, apenas mais alguns minutos e certamente poderíamos chegar. — Ainda era possível ouvir as vozes entoando hinos de batalha, mas percebia-se que os guerreiros de ambos os povos estavam se enfrentando nos céus.

O percurso ainda não era totalmente seguro, mas os riscos maiores já haviam sido superados.

— Rian não pode morrer, Aisling. — Cian estava trêmulo, quase que sem forças, tamanho era o seu medo. — Precisamos levá-lo, atravessar o portal e chegar ao panteão. Ele não pode morrer. Rian sempre foi o meu único amigo. A minha única família. Eu... eu...

— Acalme-se. — Aisling tocou o rosto de Cian. — Me lembro quando disse que estaria comigo. Agora, sou eu quem digo que estou com você. Eu amo você. Iremos conseguir levá-lo. Chegaremos o mais rápido que

pudermos.

— Mas você acha que ele está...?

— Não sei, Cian. Eu sinto muito. Tudo o que podemos fazer é torcer para que ele continue resistindo. — Aisling olhou para o caminho restante e suspirou. — Precisamos ir agora antes que mais guerreiros apareçam para inspecionar as áreas da floresta. Eles estão em batalha no céu, devemos aproveitar a oportunidade.

Aisling ajudou Cian a posicionar Rian em seu corpo e tratou de proteger o seu cajado. Era triste vê-lo inconsciente, aparentemente sem vida.

Prosseguiram através da floresta. A exaustão parecia dominá-los. A chuva, e o peso da humidade, tornavam tudo pior. Mas mesmo assim, continuaram voando.

Passaram por um lago de águas cristalinas e ficaram horrorizados ao ver inúmeros corpos caídos, sangue escorrendo na terra, espadas brilhantes e escudos abandonados. Não muito depois, encontraram um lugar sombrio. Ali, milhares de cabeças cortadas estavam fincadas em lanças na terra.

O odor era horrível. Impregnava nas narinas e sufocava. Aisling sentiu o estômago revirar inúmeras vezes durante o percurso.

No entanto, para a sorte de ambos, não encontraram nenhum guerreiro vivo e não precisaram mais lutar. Aparentemente, a sorte passara a estar com eles nos minutos finais do caminho.

Logo, o Templo das Sete Irmãs ficava cada vez mais visível. As estátuas das deusas, imensas e em mármore, formavam um círculo. Havia sido esculpidas com vestidos e detalhes que representavam as suas personalidades, e todas seguravam as espadas da justiça.

Cian percebeu que o templo quase parecia uma réplica do panteão, mas em tamanho menor. O local era exuberante, tinha detalhes em ouro, prata e diamante. Claramente havia sido construído em uma época de extrema

fartura e paz.

Ali, também havia um jardim com árvores frondosas. As raízes formavam um caminho que dava para a entrada do templo. Havia flores, coloridas e exóticas, que se estendiam até onde os olhos não podiam ver.

Estranhamente, o sol iluminava toda a área que abarcava o templo. A tempestade ocorria ao redor, mas não dentro. Portanto, quando adentraram no jardim, a chuva parou quase que imediatamente.

— Já não corremos risco aqui. Ninguém pode guerrear nesta área. — Aisling soltou um leve suspiro de alívio.

— Você está encharcada. — Preocupado tanto com Rian quanto com Aisling, Cian posicionou o amigo cuidadosamente contra uma árvore e em seguida ajudou a mulher que amava a prender os cabelos longos em tons de cinza. — Tudo ficou mais difícil com a chuva.

— Mas conseguimos chegar até aqui.

— Vocês conseguiram. — Uma voz rouca e extremamente cansada quebrou o silêncio pacífico. Ambos olharam na direção de Rian, que estava com os olhos semiabertos, mas não aparentava nenhuma melhora. — Estou feliz que conseguiram.

Cian caiu de joelhos ao lado do amigo, aconchegando-o nos próprios braços e pousando uma das mãos em seu peito.

— Conseguimos porque você foi corajoso e nos ajudou. Eu tenho muito orgulho de você, meu amigo. — Sem que pudesse controlar, lágrimas surgiram em seus olhos. — Fique comigo. Continue lutando. Logo chegaremos. As deusas poderão ajudar de alguma forma. Eu sei. Estamos muito perto.

Rian ficou em silêncio durante muitos segundos. Era difícil para ele respirar. Seus órgãos, todos eles, pareciam estar parando lentamente, sem forças para continuar.

— Tudo tem um preço, meu amigo. — Rian murmurou, quase sem conseguir mover os lábios. — E o preço da magia é alto demais.

— Mas podemos conseguir chegar juntos. — Cian se levantou, segurando o corpo quase sem vida com os dois braços, voando através do caminho do jardim que dava para a entrada do templo. — Por favor, continue comigo. Você é forte, sei que pode aguentar um pouco mais. Eu sei que pode.

Em silêncio, Aisling apenas o seguia um pouco atrás. Orava em silêncio, clamando às deusas que não permitissem que Cian sofresse tamanha perda.

Mas as deusas haviam sido claras ao dar a missão. Não estariam com eles, não poderiam protegê-los. Estavam totalmente sozinhos.

— Obrigado por ter sido o melhor amigo que um dia eu sonhei em ter. — Rian falou com a voz quebradiça. Seus olhos reviraram. — Fico feliz que você tenha conseguido.

— Não, não diga essas coisas... — As lágrimas escorriam pelos olhos de Cian de forma involuntária. Ele sequer percebia. — Estamos chegando, falta pouco.

Mas Rian não ouviu. Sua alma partiu e se apagou. O corpo sem vida esmoreceu por completo. E Cian sentiu quando a vela da vida deixou de iluminar. Sentiu um aperto no peito e foi como se o seu coração se despedaçasse em um milhão de pedaços. Soluçou entre as lágrimas, pois a dor era forte demais para controlar os próprios sentimentos.

— Por favor, meu amigo... — Puxando o corpo sem vida para mais perto, o abraçou com força, como se acreditasse que aquilo poderia trazê-lo de volta.

Era irônico saber que haviam chegado tão perto juntos, e agora, de uma hora para outra, Rian já não estaria ao seu lado.

Tiveram uma vida inteira de risadas, momentos e companheirismo. E

agora, tudo o que restava era aquele corpo sem vida e sem energia.

Em silêncio, Aisling observou quando Cian abaixou a cabeça, ainda com Rian nos braços. Aproximou-se dele e colocou os braços ao seu redor, abraçando-o.

— Eu compreendo a sua dor. E lamento muito a sua perda. — Ela passou a mão pelos cabelos negros molhados, tentando trazer um pouco de conforto. — Se eu pudesse tirar a dor que sangra em seu coração, eu tiraria. Mas infelizmente não tenho esse poder. Talvez sentir o que está pulsando dentro de você seja a única maneira de curar a ferida que se abriu.

— Talvez essa ferida nunca consiga cicatrizar totalmente. — Cian olhou para Aisling, os olhos vermelhos e repleto de lágrimas. — Agora eu posso compreender, em toda a totalidade, a dor que você sentiu e sente com a perda de Flya.

— Nós só conseguimos chegar até aqui porque eles, os dois, deram a vida para nos salvar. — Aisling não conseguiu segurar as próprias lágrimas quando sua voz embargou enquanto falava. — E agora que estamos aqui, não me sinto uma vitoriosa. Não estou feliz. Trouxemos as coroas, mas o sacrifício foi alto demais.

— Viver cobra o seu preço. — Cian voltou a olhar para o amigo morto ao seu lado. — E o preço da vida é a morte.

— Irei ajudar você a enterrar o seu amigo. — Aisling se levantou e olhou ao redor.

Não tinha certeza se podiam enterrar o corpo na área sagrada do templo, mas, mesmo assim, não se preocupou. Ao encontrar um local que lhe pareceu adequado, entre as flores e algumas árvores, ajudou Cian a cavar e a posicionar o corpo.

E a simbologia de tudo aquilo era dolorosa. Significava que todo o percurso que fizeram até ali havia custado um preço alto demais para os dois.

Já não estavam dispostos a seguir em nenhum tipo de guerra. Entregariam as coroas e esperavam que fosse o suficiente. Viram e sentiram coisas horríveis demais para aceitar qualquer outro tipo de missão.

Esperavam que as deusas fossem compreensivas e respeitassem a dor que pulsava no peito de forma tão intensa.

Juntos, sempre um ajudando ao outro, enterraram Rian e em seguida realizaram uma cerimônia em respeito ao seu espírito que partira em batalha de forma heroica e grandiosa.

Terminaram quase duas horas depois. Cian ainda tinha lágrimas nos olhos quando pousou o cajado já completamente sem brilho ao lado do túmulo já fechado.

— Precisamos ir agora. — Afirmou, segurando a mão de Aisling. — Já passamos tempo demais nesta época, já perdemos demais.

— O passado é um lugar em que já não quero estar. E agora temo voltar à realidade que nos espera. — Aisling passou as costas da mão nas bochechas, limpando as lágrimas. — Estamos com as coroas, mas me sinto destruída por dentro.

— A nossa história já está escrita nos livros do destino. Tudo o que podemos fazer é seguir em frente. — Ele a puxou pela mão. — Seguir em frente juntos.



Capítulo 15

Com passadas lentas e cansadas, percorreram o caminho que cortava o jardim. A discrepância entre os climas era chocante. A tempestade, negra e sombria, retumbava na área exterior ao templo. Mas no jardim, o sol brilhava, lançando seus raios e fornecendo um tipo de calor agradável. Também havia um vento fresco, que tocava a pele quase que como seda.

Ajoelharam-se na entrada do templo. Murmuraram palavras de respeito e agradecimento, e pediram perdão por estarem sujos e encharcados. Em seguida, entraram no grande salão.

Ali, também haviam as sete estátuas das deusas irmãs. O piso era de mármore, e os desenhos nas paredes representavam algum tipo de galáxia distante.

O ambiente estava totalmente vazio. Era possível ouvir até mesmo os sons da própria respiração, e dos passos que soavam sem ânimo.

— Antes da guerra, as pessoas de ambos os povos vinham até aqui, diariamente, para adorar as deusas e fornecer oferendas simbólicas. Traziam flores, sementes, grãos. — As memórias voltavam aos pensamentos de Cian. — As deusas sempre gostaram da natureza. E sempre repudiaram a morte.

— Estar aqui é como voltar a ser quem eu era em uma vida que ocorreu quando a guerra estava apenas começando. Pouco antes desta mesma época

em que estamos agora.

Aisling tinha os olhos cansados, abatidos. Sua expressão não lembrava em nada a mulher cheia de brilho que fora antes de ser enviada para aquela realidade.

— Vivemos muitas vidas para estarmos juntos agora. — Cian sorriu e se aproximou, tocando-a na bochecha. — Acredito que esta é a única coisa verdadeiramente boa em meio ao caos.

— Acredita em finais felizes, Cian? — Ela pareceu pensativa, avaliando tudo o que acontecera, as mortes que vira.

— Dizer que acredito faria com que eu soasse sonhador demais. Iria contra os ideais do meu povo. — Ele deu de ombros. — Mas sim, eu acredito em um final feliz ao seu lado.

Aisling sorriu e o abraçou, pousando a cabeça em seu peito, sentindo as batidas do coração daquele homem que tanto amava.

— Você é o meu único final feliz, Cian. — Ela levantou o olhar e se aproximou um pouco mais, beijando-o. — Os meus sonhos nunca foram capazes de revelar o quanto eu amaria você na realidade.

— Os sonhos foram apenas sonhos.

Ela assentiu com a cabeça.

Cian segurou-lhe a mão. Juntos caminharam lentamente pelo templo, indo na direção do portal que era visível apenas aos olhos deles. Olharam uma última vez ao redor.

— Estamos partindo dessa realidade. — Cian comentou o óbvio.

— E eu espero nunca mais precisar voltar ao passado.

Agora, ela compreendia que o passado precisava estar no passado. Voltar para tentar alterar acontecimentos podia cobrar sacrifícios altos demais. E, também, podia representar a mudança de toda uma história.

Ao recuperar as coroas, estariam mudando a história de dois povos.

Estariam mudando as próprias histórias.

O coração de Aisling doeu ao lembrar o momento em que haviam chegado. Eram quatro, cheios de sonhos, ansiando por fazer o certo e completar a missão. Agora, eram dois, repletos de feridas abertas, ambos sentindo-se quebrados e sem nenhuma possibilidade de sonhar com um futuro melhor.

A realidade era dolorosa demais. E era exatamente por isso que Aisling preferia sonhar com uma vida sem dor, sem miséria e guerra.

— Está preparada para irmos? — Perguntou Cian. Ele também parecia cansado, derrotado. Seus olhos ainda estavam vermelhos e a voz parecia embargada. A dor da perda lastimava seu coração.

— Sim, acho que sim. Melhor fazermos o que precisa ser feito de uma vez e terminar com tudo isso. — Aisling apertou a mão dele com mais força e, com a outra, apertou os dedos na espada, garantindo que não a deixaria cair.

— Tenho muito orgulho da sua coragem e de tudo o que enfrentou até aqui.

Falando isso, caminhando lentamente e respirando de forma profunda, entraram no portal e se permitiram viajar através das diversas dimensões, retornando à realidade na qual pertenciam.

Mais uma vez, sentiram os anos passando através dos olhos, as sensações que tocavam a pele, a alma. As partículas dos corpos se integrando e em seguida desintegrando.

Ao mesmo tempo em que era uma sensação incrível poder ver, ouvir e sentir todas aquelas coisas, também dava medo.

Quando voltaram ao panteão, saíram do portal e caíram de joelhos, sentindo-se consumidos pela falta de energia e pelo cansaço.

Cian pousou a mão nas coroas, garantindo que estavam em segurança.

Brilhavam, em sinal de perfeição. Em seguida, ele olhou na direção de Aisling.

— Conseguimos. — Ele lançou um sorriso que não chegou aos olhos. Por mais que tentasse comemorar o fato de que haviam cumprido a missão, sentia-se triste. — Conseguimos verdadeiramente agora.

Aisling balançou a cabeça em concordância.

Deveria se sentir feliz, disse a si mesma. Precisava ordenar ao seu coração que se sentisse honrada por ter a oportunidade de sentir o sabor da vitória. Por estar em um panteão prestes a observar a presença das deusas.

Mas mesmo assim, a imagem de Flya voltava, girando em seus pensamentos. A saudade pulsou em seu peito. Naquele momento, tudo o que queria e precisava, era de um tempo consigo mesma. Necessitava viver o próprio luto, colocar os próprios pensamentos no lugar para que só assim, pudesse seguir em frente.

Desde que Flya morrera, não tivera tempo para sentir a perda. E aquilo, sem dúvidas, a estava destroçando.

— Sim, conseguimos.

Ele a ajudou a se levantar e, juntos, caminharam pelo panteão. Iam devagar, sem pressa, pois o cansaço parecia dominá-los cada vez mais. Ao chegarem no centro, se ajoelharam em silêncio, um ao lado do outro.

— Agradecemos a oportunidade. — Disseram para nada em particular. Continuaram ajoelhados.

— Trouxemos as coroas. Terminamos a missão. — Afirmou Aisling logo em seguida.

— Agora podemos comprovar que somos os escolhidos. Quando for declarado o fim da guerra dos mil anos, poderemos unir os povos. Instituir a paz. — Acrescentou Cian.

O panteão ficou em silêncio durante algum tempo. E em seguida, as

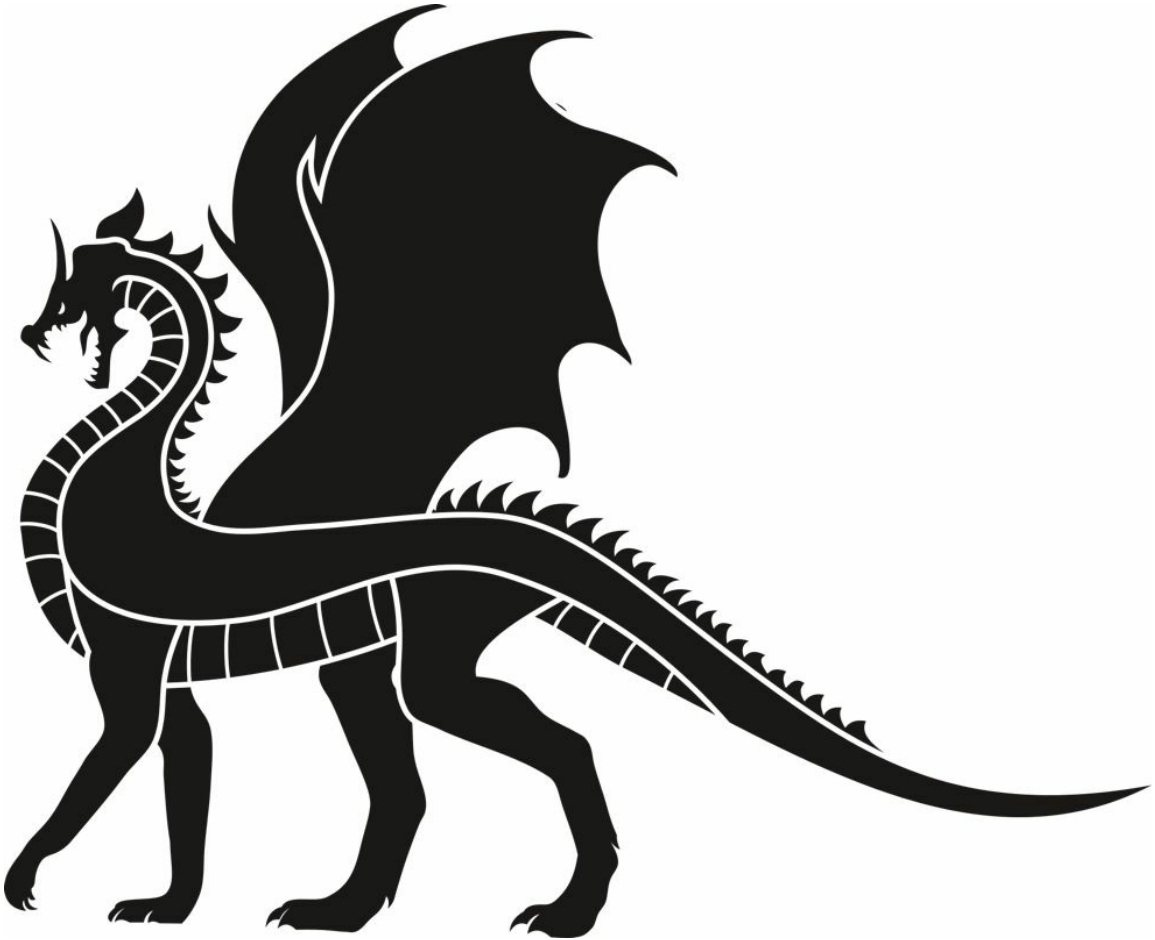
sete deusas surgiram em um turbilhão de luzes e cores, grandiosas.

— Curvem-se, vocês estão diante do divino. — Ordenou uma delas.

Cian e Aisling voltaram a se curvar em reverência.

— Bem-vindos de volta. — Eimear sorriu. — Sentem-se em posição de reverência. Temos muito o que conversar.

Parte III



Seguir caminhando. Esta é a única opção. Qual a serventia do sofrimento que surge quando se olha para o passado?



Capítulo 16

As sete deusas estavam claramente felizes e satisfeitas com o fato de que Cian e Aisling haviam voltado com as coroas. Agora, ambos poderiam representar os próprios papéis como príncipe e princesa, retratando a união dos povos.

Obviamente, elas já sabiam que eles seriam capazes. Estavam apenas esperando o retorno para que pudessem parabenizá-los.

— Estamos orgulhosas em saber que vocês não desistiram. — Eimear bateu a espada contra o piso de mármore e voltou a sorrir. — Nós acompanhamos vocês. Apesar do medo e da dor, não pensaram em desistir. Em nenhum momento.

— Desistir nunca foi uma opção para nós. — Respondeu Cian. — Nascemos destinados. Não podíamos fazer diferente.

— A guerra dos mil anos terminará em breve. Ainda é necessário esperar alguns dias até que a profecia seja concretizada. Enquanto isso — Eimear movimentou a espada, abrindo um novo portal. — Enviaremos vocês para o Reino Secreto de Lilarian, para que possam descansar.

— Reino Secreto? — Aisling retraiu o corpo, automaticamente assustada. Não estava disposta a enfrentar outros desafios, e temeu o que tal reino poderia representar. — O que seria isso?

— É o meu lar. — Lilarian sorriu. — Cada uma de nós controla uma realidade desconhecida por todos. O Reino Secreto é um lugar de paz, onde a natureza e todos os seus seres vivem em harmonia. Não se preocupem, vocês estarão em segurança.

— Deixem as coroas. Vocês saberão o momento certo de retornar para que possam ser apresentados aos povos. — Eimear abaixou a cabeça e todas as outras deusas fizeram o mesmo logo em seguida. — Somos gratas pela coragem que tiveram. Vocês são heróis.

Exaustos demais para realizar qualquer comentário, Cian e Aisling guardaram as coroas em uma caixa de ouro, que estava localizada aos pés da deusa Orla. Ela fechou a tampa e agradeceu.

Entraram no portal em silêncio, de mãos dadas. E em poucos segundos, viram-se em um universo completamente novo.

Havia um castelo imenso, tão grande que era impossível saber exatamente onde ele começava e onde terminava. Ao seu redor, jardins muito bem cuidados se estendiam, cobrindo milhares de hectares com flores e árvores.

No entanto, a beleza não era o que havia de mais impressionante no local. Mas os seres que ali viviam.

Fadas, minúsculas e formosas, voavam de um lado para o outro. Tinham as asas coloridas. Algumas, em grupo, tocavam flauta e algum outro tipo de instrumento desconhecido.

Caminhando e trabalhando, elfos corriam velozmente, parecendo sempre muito ansiosos para chegar a algum lugar, ou fazer alguma coisa. Ao contrário das fadas, não eram tão belos, mas cantarolavam enquanto trabalhavam, e pareciam simpáticos.

Ao longe, perto de um lago com águas cristalinas, unicórnios matavam a sede. Peixes saltitavam dentro do lago.

Ao mesmo tempo em que os vários seres viviam as suas vidas de forma independente, também eram capazes de funcionar em conjunto. Não precisavam de nenhum domínio ou poder, eram o que eram. E aparentemente, estavam muito satisfeitos com a própria existência.

Tudo aquilo pareceu surreal para Cian. Ele, um homem que nunca fora adepto aos sonhos e ao sobrenatural, ficou completamente chocado ao ver todos aqueles seres, de diferentes formas e tamanhos, vivendo as próprias vidas em comunidade.

— Por favor, diga-me que não usei nenhum tipo de droga. — Ele piscou algumas vezes e olhou ao redor, estupefato. — Elfos não existem!

— Depois de tudo o que vimos e ouvimos, você ainda realmente tem a coragem de afirmar tal coisa? — Aisling estalou a língua. — Você tem asas. Também não acredita nelas?

— É diferente. Nós viemos de terras distantes. Mas isso...

— Eles também certamente têm as próprias terras. — Aisling sorriu e passou uma das mãos no rosto dele, acariciando a barba que começava a crescer. — Acho que você deveria se permitir sonhar um pouco. Seremos os representantes dos nossos povos. Precisamos de equilíbrio. Não se perca no excesso de desconfiança.

— Equilíbrio. — Ele sorriu, reflexivo. — Não podemos viver apenas de sonhos, mas tampouco podemos nos perder na secura da extrema realidade.

— Exatamente. — Ela lançou uma piscadela na direção dele. — Estamos aprendendo juntos. Não podemos representar o equilíbrio se não tentarmos mantê-lo em nossos pensamentos.

— Ótimo. Então fadas, elfos, gnomos e unicórnios existem. — Ele deu de ombros. — Eu não tenho dúvidas de que usei LSD antes de chegar aqui.

— Não seja bobo. — Apesar do cansaço, Aisling soltou uma longa gargalhada.

Interrompendo-os, um casal de gigantes se aproximou. Caminhavam de forma muito lenta, quase preguiçosa. Eram sorridentes e tinham os olhos verdes um pouco caídos.

— Gigantes. — Cian estalou a língua, coçando os olhos. — É claro que gigantes existem também.

— É claro que sim.

O casal se aproximou e se curvou por alguns segundos. O homem, de cabelos negros e pele queimada pelo sol, foi o que falou primeiro.

— Bem-vindos ao lar da deusa da natureza e dos animais. — Ele nunca deixava de sorrir. — Lilarian nos avisou sobre a chegada dos escolhidos. Eu sou Haufwli, e esta é a minha esposa.

— Sinto-me muito honrada por estar na presença dos escolhidos. — Ela voltou a se curvar. — Sou Aliararr. Tenho certeza de que estão muito cansados e com fome. Venham, já separamos os aposentos de vocês.

— Os elfos fizeram questão de cozinhar comida quente e pães frescos para o jantar. Todos estão ansiosos para conhecê-los. — Haufwli sorriu mais uma vez e seus olhos brilharam. — É uma lástima que vocês só planejam ficar alguns dias. Mas voltem, ficamos muito felizes com visitas honradas como a de vocês.

Cian até tentou responder, mas não teve tempo. Após a rápida conversa, foram encaminhados para o castelo.

E ali, mais coisas surpreendentes aconteciam. As centenas de quadros que preenchiam as paredes conversavam entre si. Um piano tocava uma bela canção sozinho. Fadas do tipo brilhante sobrevoavam o ambiente, lançando um pó colorido que parecia tornar o ambiente ainda mais mágico.

— Estou me perguntando quando o efeito do LSD irá passar. — Cian sussurrou ao ouvido de Aisling enquanto caminhavam.

Aisling segurou a risada e pisou no pé de Cian, advertindo-o.

— Não seja grosseiro. — Acenou para as fadas que se curvaram no ar, cumprimentando-os.

— A deusa Lilarian acolhe todos os seres mágicos da natureza em suas terras. — Comentou Haufwli. — São muitas as espécies. Nós adoráramos apresentar todas, mas seriam necessários meses.

— Suponho que as fadas sejam famosas até mesmo entre o seu povo. — Acrescentou Aliararr. — Mas existem muitas outras espécies que geralmente não são conhecidas tão comumente. Por aqui, nos acompanhem, por favor.

Subiram por uma escada em espiral repleta de raízes antigas e flores. O cheiro dentro do castelo se misturava entre as inúmeras essências naturais.

— Espero que estejam confortáveis — Haufwli abriu as duas portas dos quartos que ficavam um ao lado do outro. — Serão avisados quando o jantar estiver pronto. Também planejamos uma bela festa para que se sintam acolhidos durante a estadia. Estamos muito, muito felizes em ter vocês aqui.

— Caso precisem de qualquer coisa, por favor, nos avisem, sim? — Aliararr voltou a se curvar. — Posso ver o cansaço brilhando no olhar de vocês. Espero que descansem. Até logo.

O casal de gigantes se despediu uma última vez e partiram lentamente, conversando de forma animada.

— Acho que estou em alguma versão alternativa do céu. — Comentou Aisling, ainda surpresa. — Flya iria adorar conhecer tudo isso...

— Acho que Rian faria amizade com todo mundo. Ele sempre falou demais. — Cian abaixou a cabeça. — Ele iria adorar a festa, tenho certeza.

— Flya e Rian não perderiam tempo e tentariam descobrir novos feitiços. Eles eram os estudiosos...

— Acho que não deveríamos continuar pensando nisso.

— Acho que não. — Aisling levantou a cabeça e o beijou nos lábios. —

Bom descanso. Vejo você mais tarde.

Ela se afastou e ele a puxou pelo braço, colando os dois corpos.

— Um beijo não é suficiente. — Ele a pressionou contra a parede e voltou a beijá-la. As línguas se uniram, quase que como em uma dança erótica.

Aisling ficou completamente sem fôlego, soltando a espada e fazendo um barulho ecoar pelo corredor. Suas bochechas ficaram vermelhas.

— As minhas pernas... — Ela sorriu, olhando-o fixamente. — Estão bambas.

— Então fiz a coisa certa. — Ele entrou no quarto e segurou a porta. — Amo, você, minha Aisling.

Quando ele fechou a porta, ela ficou parada, tentando recuperar o fôlego que Cian roubara com apenas um beijo. O coração estava acelerado e era impossível caminhar sem sentir as pernas tremendo.

Aquele homem, pensou ela, era exatamente quem ela queria ter pelo resto dos seus dias. Não somente pelos beijos quentes, mas, também, por cada detalhe que ele a fazia sentir.

Minutos mais tarde, sentindo-se um pouco menos abalada, entrou no próprio quarto e fechou a porta. Caminhou lentamente, abrindo a janela e observando o universo imenso que havia lá fora.

Os sonhos eram possíveis. O amor era possível. Bastava ter um pouco de paciência e investir um pouco da mágica dos sentimentos para que o universo começasse a agir. Ela era a verdadeira prova de que a felicidade sempre chegava após um período de imensa tempestade e solidão.

Sorriu ao sentir o brilho do sol no rosto e balançou a cabeça de forma afirmativa. Sim, disse a si mesma. Viver era uma eterna maneira de descobrir novas felicidades.



Capítulo 17

O dia passou de forma preguiçosa e agradável. Aisling adormeceu na cama imensa e despertou apenas quando o sol já começava a se despedir. O céu encantador estava em tons de laranja e amarelo.

Batidinhas na porta fizeram com que ela acordasse totalmente aos poucos. E, ainda um pouco desorientada por haver dormido demais, caminhou rapidamente pelo quarto. Ao abrir a porta, olhou de um lado para o outro, mas não viu ninguém.

— Aqui embaixo. — Disse uma voz feminina meio esganiçada e divertida.

Aisling abaixou o olhar e, por fim, avistou a pequena elfo sorridente que trajava um vestidinho roxo.

— Lamento despertá-la. — A elfo se curou e ao levantar a cabeça, voltou a sorrir. — O jantar e a festa acontecerão daqui pouco tempo. Eu gostaria de saber se minhas amigas e eu podemos preparar o seu banho de flores e o vestido que costuramos para a sua chegada.

Talvez estivesse com os nervos em frangalhos, porque ao ouvir as palavras dela, Aisling sentiu os olhos encherem de lágrimas.

— Vocês costuraram um vestido para mim?

— É claro que sim. Ficaríamos muito felizes caso pudesse usá-lo. Desde que a nossa deusa declarou que vocês chegariam em breve, tratamos de preparar tudo da melhor forma. Espero que se sinta feliz.

— Obrigada. É impossível não me sentir bem com tanto carinho ao meu redor.

O sorriso da elfo se esvaiu.

— Mas você não está feliz. — Ela direcionou o olhar para o quarto. — É pequeno demais? Podemos preparar um quarto maior. Precisa de música? Podemos trazer alguém que possa cantar e...

— Oh, não, não se preocupe. Está tudo perfeito. — Aisling se colocou de joelhos e os olhos da elfo se arregalaram.

— Não precisa se ajoelhar, por favor...

— Gostaria de agradecer por tudo o que estão fazendo por mim. — Aisling pousou as mãos nas mãozinhas e abaixou a cabeça em sinal de agradecimento. — Nunca esquecerei a forma com que todos vocês receberam Cian e eu.

— Somos felizes e queremos que você esteja feliz também. Mas sinto que você ainda está triste.

— Perdi a minha melhor amiga. Ela era a minha única família. E cada vez que vejo todos os detalhes, a natureza e toda a vida que existe aqui, não consigo deixar de pensar que ela adoraria haver tido a oportunidade de vivenciar tudo isso.

Os olhos um pouco esbugalhados da elfo se encheram de lágrimas.

— A sua amiga ficaria muito feliz em saber que você está vivenciando o momento por ela. Não perca a oportunidade. A saudade é como uma estaca que machuca sem nunca permitir cicatrização, mas o tempo é um grande conhecedor. Por isso, viva o que você tem no momento presente, para que a vida não passe sem que você veja tudo o que tem para ver.

— Obrigada. — Aisling sorriu enquanto limpava as lágrimas. — Estou pronta para o banho de flores e todo o resto.

— Estupendo! — Ela bateu palmas e saltitou, claramente animada. — Volto em alguns minutos. E não se esqueça de sorrir. O mundo fica mais vivo quando abrimos um bonito sorriso!

Falando isso, ela correu velozmente, desaparecendo por entre os corredores. Voltou pouco tempo depois com cinco outras elfos. Suas vozes, que sempre pareciam um pouco esganiçadas, pareciam animadas enquanto todas falavam ao mesmo tempo.

— Chega! — Exclamou a mais velha entre as seis. — Assim, Aisling ficará com dor de cabeça por precisar ouvir vocês todas tagarelando ao mesmo tempo.

— Você pode vir comigo. A água quente já está pronta e as essências já foram recolhidas. — Disse uma delas quando o silêncio voltou a se formar. — As essências das flores farão com que a sua pele fique ainda mais macia, e seus cabelos vão ficar incríveis depois de secos.

— Acho que não deve ter sido fácil para você regressar ao passado. Entrar em uma guerra. — A mais nova uniu as mãos. — Não consigo me imaginar em uma realidade tão repleta de dor e desespero!

— Você é muito corajosa, Aisling. — A elfo de vestidinho roxo acrescentou. — A guerra dos mil anos é horrível, e dizem que foi ainda pior quando tudo estava começando. Não sei como você conseguiu aceitar voltar ao passado para realizar a sua missão.

— Não tive outra escolha. — Aisling deu de ombros e estremeceu um pouco ao lembrar as coisas horríveis que viu e presenciou. — Mas nunca mais planejo estar em uma realidade tão horrível. Acho que já não irei me recuperar dos traumas que passei. Eu vi, com os meus próprios olhos, inúmeras cabeças arrancadas dos corpos mortos e fincadas em estacas na

terra.

— Oh! — As elfos exclamaram em uníssono, os olhos arregalados. Pareciam muito inocentes.

— Nós nunca sequer presenciamos uma briga. — Disse a mais velha. — Nunca sobreviveríamos em um ambiente tão repleto de negatividade. Mas, acho que não devemos mais falar sobre coisas ruins.

— Você está certa. Venha Aisling...

Caminharam na direção de um grande salão com uma banheira no centro. Ao redor, incensos queimavam, e flores das mais diversas espécies se espalhavam em toda a área.

— Tire as suas roupas para que possamos começar a massagem. — Pediu uma delas.

Envergonhada, Aisling obedeceu e se recostou no estreito colchão de bambu localizado em um dos cantos do salão.

A massagem foi extremamente relaxante. As mãozinhas pareciam ser repletas de experiências e percorriam o corpo, tirando as tensões e trazendo uma onda de prazer. Aisling quase adormeceu outra vez, soltando leves gemidos de felicidade enquanto as elfos faziam o trabalho.

Após isso, permitiu-se relaxar um pouco mais dentro da banheira. As essências tinham um cheiro estupendo, e uma das elfos tratou de fazer uma massagem capilar enquanto Aisling se entregava ao prazer da água quente e deliciosa.

O tempo passou rápido e certamente ela poderia ficar dias inteiros relaxando naquele lugar, mas em seguida teve que retornar ao próprio quarto. As elfos se despediram e ficou apenas a primeira, a que trajava o vestidinho roxo.

— Aqui está o vestido que preparamos para você. — Disse ela.

Ansiosa, Aisling abriu a caixa feita de raízes e sorriu ao ver a beleza

do vestido. Era uma mistura de cores escuras. O tecido, macio e confortável, parecia ter certo brilho próprio.

Tratando de se vestir quase que imediatamente, ela ficou encantada quando se olhou no espelho e observou a própria aparência.

Tinha a expressão relaxada e os olhos um pouco mais vivos. Os cabelos, agora secos e hidratados, caíam em cachos, macios. As asas, enormes, pareciam ter um leve brilho. O vestido era simplesmente maravilhoso.

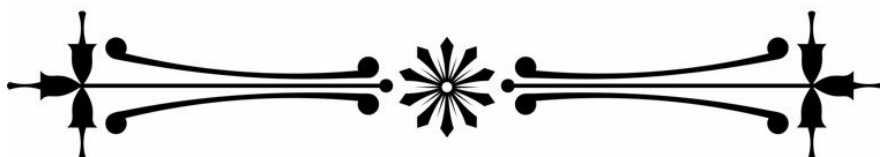
— Utilizamos pó de fada para formar o brilho do tecido. — A elfo tirou mais um objeto da caixa. — Tome, use também. É uma tiara feita por Haufwli, o gigante. Um presente para você.

— Muito obrigada. — Aisling posicionou a tiara em sua cabeça e sorriu, agradecida.

— Não resta nenhuma dúvida de que você é *a escolhida*. — A elfo bateu palmas, extremamente feliz. — Basta olhar para a sua beleza e elegância para ter total certeza de que você é uma princesa.

Até então, Aisling nunca se sentira, verdadeiramente, uma princesa. Se enxergava apenas como uma mulher totalmente normal e sem atributos genuinamente atrativos. Mas naquele momento, enquanto se olhava no espelho, decidiu que acreditaria em si mesma e na própria beleza, nem que fosse somente por aquela noite.

Era uma princesa. E estava verdadeiramente linda.



Cian teve um tratamento igualmente especial. Recebeu massagens relaxantes e a sua barba foi feita, aperfeiçoada. Quando voltara para o quarto, dois elfos seguravam caixas fechadas.

— São presentes. — Disse um deles, parecendo ansioso. — Eu mesmo fiz um deles.

Muito animado, Cian abriu as caixas e encontrou roupas totalmente costuradas à mão. Ele não entendia muito sobre moda, mas sabia que tudo aquilo era de alta qualidade. E feito com o coração.

— Muito obrigado! — Cian abaixou a cabeça em sinal de reverência e correu para se vestir. Quando retornou e se olhou no espelho, os elfos bateram palmas, admirados.

— Aisling tem muita sorte de ter um guerreiro tão bonito apaixonado por ela! — Disse o outro elfo que estava em silêncio até então. — Vocês formam o casal mais bonito que já tive o prazer de conhecer.

Cian não teve tempo de responder, pois após isso, foi levado para fora do quarto e ali, esperou pacientemente até que a porta do quarto de Aisling se abriu e ela saiu com passadas lentas.

Estava linda, reparou ele. Simplesmente a mulher mais linda que seus olhos já viram.

— Acabo de me apaixonar novamente por você. — Ele a segurou pela mão e sentiu seu corpo estremecer em desejo. Em luxúria. — E sinto que irei

me apaixonar um pouquinho mais diariamente, cada vez que despertar e olhar para a sua beleza.

— Um belo príncipe precisa de uma bela princesa. — Respondeu ela com um sorriso.

Juntos, desceram as escadas. O castelo parecia em polvorosa. Era possível ouvir a música tocando, as conversas e os sorrisos. Fadas voavam velozmente, e gnomos dançavam no andar de baixo, sapateando em grupo.

Cian olhou para Aisling e sentiu, simplesmente sentiu, que apesar de ser tão reticente com os assuntos dos sonhos e dos sentimentos, aquele momento e aquela mulher eram e sempre seriam o seu final feliz.

Naquele instante, teve total certeza de que finais felizes eram possíveis.



Capítulo 18

O salão de festas era simplesmente imenso. E mágico. Os inúmeros lustres, feitos de prata e diamante, brilhavam de forma imponente no teto.

No palco, um grupo de elfos tocava uma música instrumental animada enquanto muitos dançavam em grupos. Os gnomos sapateavam, sorrindo e felizes.

As fadas giravam, bailando no ar enquanto um pó brilhante se espalhava para todos os lados. E um grupo de gigantes, um pouco tímidos e desajeitados, conversavam com copos enormes de bebidas nas mãos.

No instante em que Cian chegou com Aisling ao seu lado, a música parou e as centenas, — talvez milhares —, de cabeças se viraram na direção deles.

— Fizemos algo errado? — Cian levantou uma das sobrancelhas ao sussurrar para Aisling. Estava claramente desconcertado com tamanha atenção. — Paramos a festa.

— Acho que não fizemos nada de errado. — Aisling corou e sentiu o corpo se retrair, tamanha era a timidez. — Espero que não tenhamos feito nada de errado.

Haufwli, o gigante, se aproximou enquanto anunciava.

— Os escolhidos chegaram. — Todos se levantaram. — Reverência!
Como em um coro, repetiram.

— Reverência aos escolhidos! — E se curvaram. Em seguida, bateram palmas. A música voltou a tocar e as gargalhadas podiam ser ouvidas outra vez.

— Venha, Ajar. Não seja tímido. — A elfo que fora ao quarto de Aisling para acordá-la mais cedo se aproximou, puxando um outro elfo aparentemente envergonhado. — Veja, princesa, este é o meu marido. Ele queria muito conhecer você.

Encolhido, ele levantou a mãozinha e a balançou rapidamente.

— Oi!

— Ele foi quem ajudou Haufwli a fazer a sua tiara. — A elfo o empurrou. — Não seja assim, Ajar. Você esperou uma eternidade para conhecê-los.

Com um sorriso, Aisling se colocou de joelhos para que pudesse vê-lo diretamente nos olhos.

— A tiara é linda. Muito obrigada. — Disse, dando-lhe dois tapinhas nos ombros.

— A minha esposa, Aishin, está exagerando. Eu fui de pouca ajuda. Dei uma ajudinha de nada.

— Mentira, foi ele quem desenhou cada detalhe. Ele é envergonhado demais, mas tem bom coração. — Aishin sorriu na direção do marido e Aisling percebeu que ali havia amor. Puro e verdadeiro.

— O que acha de se sentarem ao meu lado para que possamos jantar e conversar? — Aisling se levantou.

— Ela é uma boa pessoa, você não precisa ter medo. — Aishin puxou o marido para que juntos fossem para a mesa.

— Eles são muito fofos, não são? — Aisling sorriu para Cian e

também percebeu mais uma vez o amor que sentia por aquele homem ao notar o sorriso lindo que ele esboçava.

— São os seres mais fofos que já vi. O que acha de adotarmos cinco?

— Eles não são órfãos! — Aisling soltou uma grande gargalhada. — Venha, pare de falar besteiras.

Sentaram-se com os outros e a comida foi servida. Todos os pratos eram feitos com os mais variados tipos de vegetais. Cremes e molhos complementavam. Para beber, tinham sucos naturais e algumas criações alcóolicas, mas tanto Cian quanto Aisling preferiam se divertir sem se embriagar.

— A comida agrada vocês? — Ajar criou coragem e começou uma conversa. Seus olhos um tanto assustados eram adoráveis. E ele tinha um sorriso encantador. — Posso trazer mais, se for necessário.

— A comida está maravilhosa. — Como se para provar que estava falando a verdade, Cian deu mais uma garfada no prato. — Acho que vou engordar alguns quilos caso eu coma dessa forma todos os dias.

— Comer é uma dádiva das deusas. Devemos ser sempre gratos. — Com um sorriso, Ajar tirou uma caixinha do bolso e pousou na mesa olhando para Cian. — Preparei um presente para você também. Espero que seja do seu agrado.

Curioso, Cian abriu a caixinha e sorriu ao ver um colar prateado com um pingente que representava o símbolo da deusa da natureza.

— É incrível! Muito obrigado. — Cian entregou o colar nas mãos do elfo. — Poderia colocá-lo?

— É claro que sim! — Animado, Ajar colocou rapidamente e bateu palmas. — Ficou muito bonito com o conjunto da sua roupa.

— Vocês são seres muito generosos. — Afirmou Aisling, tocando o pingente, encantada. — O universo deveria aprender mais com vocês.

— Nós sempre precisamos aprender mais. — Ajar fez uma revência e sorriu. — Aishin estava certa. Vocês são bons. Eu não deveria ter me sentindo tão inseguro.

— Estamos muito felizes em conhecer cada um de vocês, tenha certeza disso. — Cian sorriu e serviu mais bebida para todos que estavam por perto.

Após isso, a noite transcorreu de forma agradável e animada. Todos dançavam e saltitavam, os diversos tipos de comida eram servidos esporadicamente e era quase impossível recusar uma dança quando os pequenos elfos se aproximavam, batendo palmas e convidando para uma onda de movimentos animados e sem aparente regra.

Durante a madrugada, quando muitos já haviam se retirado para dormir, Cian convidou Aisling para que pudessem caminhar pelo jardim. A lua estava brilhante e um milhão de estrelas pintavam o céu.

O ar, fresco e convidativo, balançava os cabelos enquanto se moviam pelo caminho estreito de pedrinhas.

— Sinto que esse é um dos melhores momentos da minha vida. — Comentou Aisling. Segurava a mão de Cian com carinho. — Foram muitas as perdas, mas poder estar em um local seguro, sem me preocupar com ataques é reconfortante.

— E poder terminar o dia ao seu lado é ainda melhor. — Com um sorriso, ele parou de caminhar e a beijou.

Era incrível a forma com que apenas um unir de lábios era capaz de fazê-la se perder. E se encontrar.

As línguas se uniram, se sentiram. O coração dela ficou acelerado e suas pernas enfraqueceram um pouco.

Sentia que por mais que o beijasse um milhão de vezes, nunca seria capaz de se acostumar com o turbilhão de sentimentos que surgiam em seu

peito.

— Venha comigo para o meu quarto essa noite. — Pediu ela entre um beijo e outro. — Quero sentir você em mim. Quero ser sua.

Em silêncio, Cian acariciou a pele macia e movimentou os dedos, tocando os lábios tão sedentos por mais beijos.

— Este é o convite que eu esperava ouvir. — Ele a beijou mais uma vez. — Você será minha. É minha. Essa noite e em todas as outras, assim como sou seu.



Capítulo 19

Voltaram para o castelo sentindo pressa. Os passos eram largos, percorrendo as escadas enquanto tentavam seguir adiante sem que fossem interrompidos pelos poucos que ainda festejavam no salão.

Passaram pelos corredores e Aisling abriu a porta do próprio quarto, convidando-o a entrar primeiro.

Seu corpo estava trêmulo, sentia calor. Sentia desejo. Quando ele fechou a porta, ela o pressionou contra a madeira, unindo os dois corpos.

— Amar você é como estar em uma montanha russa. — Ela tocou-lhe a barba bem-feita, admirou os cabelos negros, os olhos sombrios que agora pareciam quase enfeitiçados. — É como subir ao topo e cair em desespero cada vez que as suas mãos, e os seus lábios, estão longe de mim.

Ele sorriu, pousando a palma na mão dela.

— Você nunca me falou como se sentia.

— Sou tímida demais para falar coisas assim. — Ela deu de ombros, mas não desviou o olhar.

Ao mesmo tempo em que se sentia um pouco envergonhada, estava completamente confortável por tê-lo tão perto consigo.

Sem dizer nada, Cian a puxou pela mão, ajudando-a a pousar na

cama. Ainda em silêncio, tirou-lhe a roupa com admiração. Quase como se Aisling fosse alguma deusa da beleza e da sedução.

O coração dele acelerou, fazendo-o precisar inspirar profundamente para que pudesse tentar retomar o controle da própria respiração. Mas foi inútil. Tudo dentro dele parecia estar em total descontrole.

Aisling, desnuda, observou quando Cian jogou as roupas ao chão. O membro, grosso e pulsante, estava ereto, pronto para possuí-la. O corpo, rígido e forte, era preenchido por pelos deliciosamente bem aparados.

Ela passou a língua por entre os lábios e percebeu que estava úmida entre as pernas. Desejava sentir-se tocada, preenchida. Totalmente possuída.

— Cian... — Ela sussurrou quando ele se aproximou.

— Sim?

— Nunca desejei um homem como desejo você.

Ele se posicionou entre as pernas dela e abaixou a cabeça, pressionando o corpo forte contra o dela, deixando-a sem fôlego ao sentir o cheiro delicioso que ele emanava. Cheiro de homem.

— Estamos juntos agora. — Ele a beijou ao posicionar o membro na entrada da vagina molhada. No início, não a penetrou. Apenas fez movimentos lentos, enlouquecendo-a. — Estaremos juntos para sempre, onde quer que estejamos.

Apesar de não saber muito sobre os planos do destino, Aisling acreditou naquela promessa. Acreditou que Cian sempre estaria ao seu lado apesar das páginas desconhecidas da vida que ainda tinham que viver.

Era muito fácil acreditar na eternidade quando estava nos braços dele, sentindo aquele corpo tão forte e tão cheiroso pressionando, tomando. Com uma das mãos, acariciou o peito que tinha pelinhos aparados, fechando os olhos quando ele se moveu, passando os lábios e a língua em seu pescoço, em sua clavícula e, em seguida, em seus seios.

Cian prosseguiu, sugando um mamilo e depois o outro. Aisling literalmente gritou de prazer e delírio ao sentir os pelinhos da barba roçando na sua pele sensível, abrindo caminho e descobrindo segredos que nem mesmo ela sabia existir.

— Sou sua, Cian. Assim como você é meu.

— Sou seu, Aisling. Assim como você é minha. — Ele desviou o olhar e abaixou a cabeça entre as pernas femininas, sorvendo o líquido que escorria da vagina que agora parecia estar tão sensível.

Ele girou a língua, fazendo movimentos circulares, saboreando e tomando. Enlouquecendo-a por completo.

Passou-se apenas alguns minutos quando ela gritou o nome dele e sentiu todo o corpo estremecer, pousando as duas mãos nos cabelos dele, gritando por mais, clamando por mais.

Ao notá-la tão entregue, ele voltou a beijá-la e a penetrou com um simples movimento. O membro, tão grosso e duro, a possuiu, invadindo e trazendo prazer. Ela gritou mais uma vez e intensificou o beijo, sentiu o gosto do próprio prazer nos lábios dele.

Naquele instante, o quarto foi preenchido por um brilho limpo, repleto de pureza. Lá fora, trovões eclodiram, quebrando o silêncio da noite. Juntos, eram capazes de gerar energia para alimentar uma cidade inteira.

Enquanto Cian a penetrava com força e desejo, suas asas brilharam, e foi como se todo o resto deixasse de existir. De alguma forma, eram apenas eles dois vivendo o momento, se entregando ao prazer.

Aisling gozou outra vez e, completamente sem fôlego, Cian também se permitiu entregar ao prazer. Quando se beijaram uma outra vez, mais luzes voltaram a brilhar, e mais trovões voltaram a eclodir.

Juntos, faziam magia. Eram a verdadeira magia. Havia sido escolhidos não somente em nome da paz e da união, mas também em nome

do amor.

Aisling passou a língua entre os lábios e sugou ar para os pulmões, sentindo lágrimas enchendo-lhe os olhos.

— Eu amo você, meu Cian. — Ela sussurrou, abraçando-o.

— E eu amo você, minha Aisling. — Ele fechou as asas e deitou-se ao lado dela, passando um dos braços ao seu redor para trazê-la mais para perto de si.

— Cian? — Chamou ela depois de alguns minutos em silêncio.

— Sim? — Ele se sentia exausto, por isso, apenas ficou deitado ao seu lado, esperando até que ela voltasse a falar.

— Obrigada por me fazer sentir uma mulher especial. Por me fazer sentir amada. — Aisling fechou os olhos enquanto as lágrimas de gratidão escorriam. — Cresci sem saber qual era o meu lugar, qual era o meu destino. Agora eu entendo. Entendo que estava destinada a ser feliz ao seu lado.

— Percorremos os caminhos de várias vidas para chegarmos até aqui. Lutei batalhas de séculos para poder tê-la em meus braços. — Ele parou de falar e refletiu sobre tudo o que passaram naquela vida e em todas as outras. — Amei você em todas as minhas vidas passadas e sinto que continuarei amando em todas as que ainda viverei.

Naquela noite, dormiram completamente desnudos e entregues. Sentiram paz e segurança, não tiveram nenhum tipo de pesadelo e não precisaram temer pela própria vida enquanto descansavam.

Apesar das perdas e dos danos, a vida podia ser boa. A vida era boa. Não sabiam quando exatamente curariam as feridas ainda abertas pelas perdas, mas esperavam que o amor fosse o suficiente para ajudá-los a encontrar a cura.



Capítulo 20

Os dias se passaram quase como em um piscar de olhos. Naquela manhã, reunidas no panteão, as sete deusas haviam decidido debater alguns fatores importantes. O fim da guerra dos mil anos seria declarado na manhã seguinte.

Os povos estavam exaustos, clamavam por paz. Mas a profecia das deusas precisava ser cumprida. Por isso, ainda que ambos os povos estivessem chorando lágrimas de sangue, esperando pelo sinal de alívio, seguiam guerreando até que os escolhidos fossem apresentados e o equilíbrio fosse restaurado.

O grande fim aconteceria na manhã do dia seguinte. Após milhares de mortes, sangue e lágrimas, as terras encontrariam a paz. Encontrariam o equilíbrio. Sem dúvidas, a mensagem das deusas havia sido passada entre as gerações para que uma guerra como aquela nunca mais voltasse a ocorrer.

— Os escolhidos não estão completamente felizes. — Lilarian foi a primeira a quebrar o silêncio, olhando para as outras deusas irmãs. — Estão tentando. Verdadeiramente estão tentando. Mas apesar de todo o esforço e de terem a própria companhia, não estão completamente felizes.

— Você quer dizer que Cian e Aisling estão com depressão? — Eimear perguntou, em choque.

— Não chegaram a esse ponto, mas estão extremamente deprimidos. Não é necessário refletir muito sobre o assunto para sabermos que existem motivos para tal. — Lilarian suspirou tristemente. — Eles foram tirados das vidas que estavam acostumados. Precisaram voltar no tempo, partir rumo à guerra sem que sequer pudessem escolher. E, para piorar, as pessoas que tinham como família, morreram na tentativa de salvá-los. Parece-me óbvio e esperado que estejam tão tristes.

— Eles deveriam estar satisfeitos por se firmarem como os escolhidos. — Orla comentou, quase ofendida. — Existem incontáveis seres no universo, e eles foram os selecionados por nós.

— Selecionados para a guerra. Quem poderia estar satisfeito com os resultados da dor e da morte? — Lilarian balançava as mãos, tentando quase que de maneira desesperada fazer com que as irmãs compreendessem a situação. — Cian e Aisling estão nas minhas terras. Todos que estão em meu domínio deram o melhor para trazer alegria, mas, ainda assim, não foi o suficiente. De certa forma, eles ainda estão destruídos pelas perdas que sofreram.

— Flya e Rian. — Nasha, a deusa da morte, dos espíritos, da escuridão e de tudo o que era obscuro, falou pela primeira vez. — Os escolhidos estão destruídos porque a morte foi o preço que Flya e Rian pagaram em nome do equilíbrio.

— Nunca dissemos que o preço do equilíbrio seria baixo. — Shauna refletiu. — Mas não é justo que não possam ter escolha acerca dos próprios caminhos.

— Às vezes o destino não possibilita escolhas ao ato de viver. — Eimear suspirou profundamente, ouvindo a discussão e tentando chegar a algum tipo de conclusão. — A vida de um mortal foi feita para ser vivida até que o destino decida que é chegada a hora de partir.

— Mas eles não são meros mortais! — Lilarian quase se exaltou, mas tratou de recompor a voz e a própria calma. — Os escolhidos precisam, necessitam, estar equilibrados para representar os povos. Nós observamos por mil anos o preço do desequilíbrio. A Terra está se transformando em uma grande catástrofe porque os humanos desconhecem o poder do balanceamento entre os sonhos e a realidade. Realmente acham que os escolhidos podem seguir em frente sentindo que o destino não foi justo?

— O destino é o que é. Não se pode lutar contra isso. — Orla rebateu. — Eles precisam crescer e amadurecer, tentar achar outros meios de lidar com as próprias dores. Guerreiros fortes agem assim.

— Está sugerindo que atuem com orgulho? — Shauna lançou um olhar cortante na direção da irmã Orla. — Não é exatamente contra isso que estamos lutando? A dor pode ser enfrentada por qualquer ser, menos aquele que a está sentindo. Deveríamos tentar levar as palavras de Lilarian em consideração.

— Obrigada pelo apoio, minha irmã. — Um silêncio se formou e em seguida Lilarian voltou a falar. — Bons líderes precisam estar felizes com as próprias escolhas. Na verdade, precisam ter o direito de escolha. Isso não foi dado aos escolhidos. Eles apenas seguiram as regras criadas por nós. E é exatamente por isso que estão frustrados, por precisarem seguir ordens e por precisarem pagar um preço alto demais.

— E o que você poderia sugerir, Lilarian? — Perguntou Orla, começando a entender o que a irmã estava tentando dizer.

— Estou querendo dizer que precisamos trazer um pouco da vida que eles tiveram antes da guerra. Trazer um pouco de estrutura emocional. Cian e Aisling se amam verdadeiramente. — Ela pousou a mão no peito, pensativa. — Mas o amor não é suficiente quando se perde todo o resto. E é por isso que devemos presenteá-los com uma pequena reestruturação, reaplicando um

pouco do que eles já viviam na vida que precisarão viver de agora em diante.

— Todas as sugestões de Lilarian me parecem completamente bem fundadas. — Opinou Shauna. — O amor é belo, é um dos sinais mais belos que existem. Mas sem raízes, sem base e história, não é possível construir a felicidade. Acredito que os escolhidos merecem uma recompensa para que possam se organizar emocionalmente e reescrever a própria história.

Lilarian, Shauna e Nasha, as deusas que concordavam entre si, pegaram as espadas, chocando as pontas contra o piso de mármore.

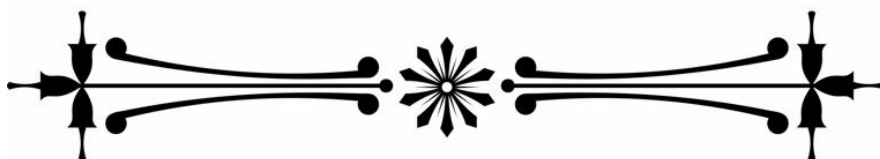
— Peço que as irmãs reflitam. — Suplicou Nasha. — Ou a profecia dos mil anos não vai servir de muito caso os escolhidos não estejam emocionalmente estáveis.

Eimear balançou a cabeça e levantou a espada.

— Lilarian, Shauna e Nasha permaneçam comigo. Precisamos conversar. — Sua voz soou firme e repleta de autoridade. — Peço que as outras se retirem.

Seus pensamentos giravam e giravam. Como uma deusa, não podia ter dúvidas. Era seu dever estar consciente das melhores escolhas e reescrever os destinos quando necessário.

Por isso, quando se uniu com as outras três irmãs, já havia tomado uma decisão.



Ao entardecer, dois gigantes bateram à porta de Cian, esperando

pacientemente até que ele atendesse.

— Boa tarde! — Disse Afuir, o mais velho entre os dois. — Preparamos a sua vestimenta para o grande anúncio de amanhã!

— Eu preciso vestir algo especial? Digo, algum tipo de uniforme? — Cian abaixou o olhar e viu a roupa com detalhes metálicos que se assemelhava a uma armadura um pouco menos pesada.

— Não necessariamente. — Respondeu Liaeu, o outro gigante. — Mesmo assim, decidimos preparar algo especial, afinal o anúncio do fim da guerra dos mil anos é um acontecimento esperado por muitos. Acreditamos que seja adequado vestir algo especial.

De fato, declarar o fim da guerra dos mil anos e restaurar o equilíbrio entre os povos não representava apenas a liberdade de milhares de seres exaustos de lutar e morrer. Representava também que Cian havia honrado a morte do seu melhor amigo e conseguido seguir adiante mesmo sentindo o coração despedaçado e a alma um pouco mais sombria.

— Tudo bem. As peças aparentam ser lindas. — Cian sorriu e abriu a porta um pouco mais, convidando-os a entrar em seu quarto.

— Nos fizemos e cuidamos de cada detalhe. Aisling, a grande princesa, certamente ganhará algo similar dos elfos. — Liaeu sorriu e seus olhos brilharam de admiração. — As deusas fizeram uma ótima escolha quando decidiram que vocês representariam o equilíbrio. Posso sentir a bondade e a sinceridade na energia de vocês.

— Ainda não tenho certeza de que sou o homem certo para representar todo o meu povo, mas estou tentando. Estou realmente tentando ser uma melhor versão de tudo o que eu represento a cada dia.

— Sem dúvidas, você já tem um belo começo. — Afirmou Afuir enquanto pousava as peças de roupa em cima da cama enorme. — Alguns líderes sequer tentam ser uma melhor versão de si mesmos. Deveria se

orgulhar, Cian.

— Ouvir as suas palavras me trazem certo conforto. Muito obrigado.

Cian tirou as roupas que vestia e esperou de forma envergonhada enquanto os gigantes posicionavam as peças feitas artesanalmente. Demorou algum tempo até que tudo se encaixasse, mas, quando por fim pôde se olhar no espelho, ele compreendeu totalmente o que queriam dizer.

Aquelas vestimentas eram espetaculares. Davam-lhe o ar, literalmente, de um príncipe prestes a ser coroado e permitia que suas asas ficassem livres, em total conforto.

— Todas as peças são perfeitas! — Cian voltou a agradecer.

— Tome, também limpamos a sua espada. — O gigante entregou-a nas mãos de Cian e sorriu. — Você vai ser um bom líder, não tenho dúvidas.

— Obrigado por se permitirem depositar tanta confiança em mim.

Os gigantes fizeram uma revência e se retiraram do quarto, sorrindo.

Sozinho, Cian voltou a se olhar no espelho.

Um príncipe. Todos repetiam inúmeras vezes e mesmo assim, ainda era difícil para ele acreditar o tamanho das responsabilidades que aquele título trazia consigo. Logo, as deusas colocariam a coroa em sua cabeça e o destino seria selado. Para sempre.

Ao mesmo tempo em que sentia grande felicidade por ter a possibilidade de vivenciar tamanha honra, também se sentia inseguro. Temia ser odiado, temia decepcionar. Não fora capaz sequer de salvar o melhor amigo. E mesmo após tantos dias, a culpa ainda lhe corroía a alma.

Talvez não devesse pensar tanto nas perdas, disse para si mesmo ao segurar a espada com as duas mãos, observando o próprio reflexo no espelho. Mas, aparentemente, era impossível controlar os caminhos que sua mente levava.

Quase sempre tentava se entregar completamente aos momentos

felizes. Os vivenciava e os aceitava. Mas durante a noite, antes de dormir, os pensamentos tristes e a saudade insistiam em sussurrar ao seu ouvido.

Rian, o seu irmão, o único homem que nunca hesitara em tirá-lo da completa solidão, estava morto agora. E o que mais machucava, sem dúvidas, era o fato de que ele já não estaria ao seu lado para que juntos pudessem desbravar um completo mundo novo.

Aisling, no quarto ao lado, também avaliava a própria aparência. Imaginava o peso da coroa em sua cabeça, os dias e tudo o que o destino guardava em segredo, para que pudesse descobrir somente com o passar dos dias e dos anos.

E, da mesma forma que Cian refletia sobre as próprias perdas, ela sentiu lágrimas escorrendo por suas bochechas ao lembrar que Flya não estaria ao seu lado quando recebesse a coroa.

Flya não receberia os agradecimentos do povo por seus sacrifícios e coragem. Afinal, ela estava morta.

Afirmar isso para si mesma machucava. O luto ainda parecia estar fincado em seu peito quase como uma estaca. Como seguir em frente quando a dor que Flya sentira ao morrer ainda pulsava em sua alma?

Era impossível. E sabia, Aisling simplesmente sabia, que precisaria de uma vida inteira para que as suas feridas emocionais comesçassem a se fechar.

Sempre que os pensamentos tristes voltavam aos seus devaneios, ela tentava relembrar os dias felizes que tivera ao lado de Flya. Muitas vezes, sorria sozinha ao relembrar todos os momentos. Momentos que certamente nunca voltariam a acontecer.

Suspirando profundamente, ela limpou as lágrimas e engoliu em seco. Ao terminar de observar as roupas que vestiria no dia seguinte, voltou a desnudar-se e a colocar as peças confortáveis. Amanhã, aceitaria o seu cargo e o próprio destino, seria a princesa, a escolhida. Mas naquele momento, ao

deitar-se na cama trajando um vestido marrom simples, ela era apenas a mesma Aisling de sempre, que adorava criar histórias e sonhar com finais felizes.

Na verdade, refletiu, a felicidade era quase como uma colcha de retalhos, formada por inúmeros momentos que se costuravam entre si. Nada era eterno, não havia constância no existir, mas ao mesmo tempo, ela compreendia que precisava valorizar os bons momentos, e transpassar os momentos obscuros. Afinal, assim era a vida. Um caminho podia apresentar dias de sol, mas, vez ou outra, a chuva precisava aparecer, a escuridão e os trovões necessitavam mostrar a própria força.

Portanto, sabia que a tristeza que sentia em seu coração não duraria para sempre. Precisava apenas ter calma e seguir vivendo. Certamente, a vida e o destino tratariam de fazer todo o resto.



Capítulo 21

O grande dia começou agitado. Aisling despertou quando o sol ainda estava nascendo para acompanhar os preparativos da cerimônia. Deixou a realidade da deusa Lilarian e partiu para a realidade onde a guerra havia acontecido por mil anos.

Enquanto era levada pelos seres das terras dos sonhos, percebeu que as terras já não estavam bem cuidadas como antes. Era estranho ver o presente quando conhecia apenas um passado que ocorrera quase mil anos atrás.

Ao chegar no templo, foi levada para um cômodo separado. Ali, trataram de cuidar dos seus cabelos, produzindo um penteado intrincado e extremamente belo. Deram-lhe o vestido branco com detalhes em roxo, era longo e chegava aos pés. E na cabeça, puseram uma tiara com o símbolo da terra dos sonhos.

Demorou horas até que ficasse pronta, mas ao olhar-se no espelho, voltou a sentir aquela sensação de dias antes. Era uma bela mulher, disse a si mesma. Tudo nela simbolizava grandeza e ao mesmo tempo humildade, simplicidade.

Por fim, trouxeram sapatilhas com pequenos diamantes.

Na verdade, aparentemente, tentaram produzi-la de uma forma que não lembrasse em nada uma guerreira. Queriam que quando olhassem para Aisling, lembrassem da paz, do equilíbrio e da perseverança.

Estavam cansados de enxergar a guerra, a morte e a dor em todos os lados. Por isso, para eles, Aisling era a princesa da paz, dos recomeços. Suas asas, tão brilhantes e fortes, representariam a grandeza do sonhar, do idealizar um novo caminho, repleto de novas possibilidades e novas histórias.

Talvez Aisling não houvesse percebido ainda, mas a sua aparência e presença, traziam esperança para milhares de seres que haviam sofrido durante uma guerra aparentemente interminável. Seres que aprenderam, através das lições mais dolorosas, que o orgulho, a arrogância e a imprudência cobravam preços altos demais para todos, até mesmo para os mais poderosos.

Quando Aisling ficou pronta e as mulheres das terras dos sonhos deixaram seu quarto, ela olhou pela janela e se perguntou onde estaria Cian. Separaram-se ao amanhecer e desde então tomaram caminhos diferentes. Estavam sendo preparados de formas diferentes.

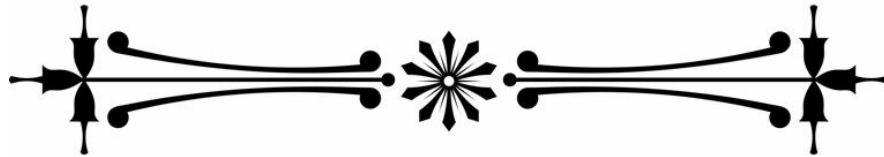
Observou o sol surgindo, nascendo. Encantou-se com o brilho que crescia aos poucos, com a paz que o amanhecer trazia.

Estava nervosa, não podia negar. A solidão daquele quarto era quase sufocante e por alguns instantes, a possibilidade de fugir girou em sua mente.

Não, disse para si mesma. Aquele era o seu destino. Fugir traria um grande desapontamento para ambos os povos, que esperaram por tanto tempo para que aquele dia chegasse, para que a profecia por fim terminasse.

Mesmo assim, mesmo sabendo de todas as obrigações, as inseguranças insistiam em ir e voltar. Por isso, perdeu-se entre as lembranças de quando teve Cian em sua cama, em seus braços. Já sentia saudades dos beijos que somente ele sabia dar.

Suspirou levemente e obrigou-se a abrir um sorriso. Não estava sozinha. Tinha Cian, o grande homem dos seus sonhos ao seu lado, e por mais que tivesse medo, sabia que seriam capazes de se tornar bons líderes. De trazer o equilíbrio.



As horas também pareceram solitárias para Cian. Assim como Aisling, passou um bom tempo sendo preparado. Seus cabelos agora tinham um novo corte, a barba estava feita outra vez. Em seu pescoço, havia um lindo colar com o símbolo do seu povo.

As roupas dele tinham tons de azul marinho e branco, e tinham alguns detalhes metálicos. E as botas eram pretas. As asas estavam totalmente livres nas peças de roupa que haviam sido criadas especificamente para ele.

Quando vieram avisá-lo de que estava na hora, seu coração acelerou e as mãos ficaram geladas.

Caminhou pelos corredores do templo e foi levado para o local de anúncios. Era possível ouvir milhares de vozes conversando, um barulho imenso vinha de todos os lados.

Posicionou-se no local indicado e olhou para as entradas dos corredores, esperando ansiosamente até que Aisling aparecesse.

Ela era seu porto seguro, afinal. A única capaz de fazê-lo sentir-se feliz e confortável até mesmo nos momentos mais difíceis. Por isso, no segundo em que Aisling apareceu, um sorriso de plena satisfação se formou

em seus lábios.

— Pensei que você já não viria. — Ele brincou, tentando fazer com que o nervosismo desaparecesse do seu peito, mas foi inútil. Era impossível relaxar enquanto ouvia as milhares de vozes vindo lá debaixo.

— Não poderia deixar o meu príncipe esperando. — Ela se aproximou e uniu seu braço ao dele.

Minutos mais tarde, uma voz ordenou.

— Curvem-se em sinal de reverência, vocês estão diante daquilo o que é divino.

No mesmo segundo, as milhares de cabeças se curvaram e total silêncio se formou.

As sete deusas surgiram nos céus, cada uma segurando a própria espada e trajando roupas com mantos de poder que representavam as diversas personalidades. Sentaram-se acima de todos os seres.

A cena, para qualquer um que olhasse, era mágica, de trazer lágrimas aos olhos. A multidão formada pelos mais diversos tipos de seres, se curvando diante das sete deusas que brilhavam acima de todos. Com as deusas, veio a brisa e a sensação de paz, a sensação de que todas as coisas podiam estar em paz mais uma vez.

— Hoje, é um dia de festejo, de comemoração — Eimear quebrou o silêncio. Sua voz era poderosa, quase como uma música ancestral que se infiltrava nos sentidos, enfeitiçando. — Tivemos mil anos para refletir e aprender. Mil anos para compreendermos que a guerra não é a melhor opção, e que o orgulho traz tragédias.

— Agora, uma nova era se inicia. — Lilarian complementou. — Devemos escrever histórias de paz e prosperidade, de um equilíbrio que deve surgir entre os povos das terras da grande verdade e os povos das terras dos sonhos.

— Vocês, todos vocês, representam o equilíbrio da realidade humana. Voltarão a ser treinados para proteger e aconselhar cada indivíduo na Terra, utilizando toda a sabedoria que lhes pertence por essência. — Orla afirmou. — Vocês, no início do mundo, quando existia apenas o vazio, foram criados para acompanhar os humanos, para apresentar-lhes caminhos aceitáveis. Agora, precisamos que cumpram com o seu destino.

— Precisamos que utilizem aquilo o que lhes foi dado. — Eimear se levantou e apontou a espada na direção do lugar em que Aisling e Cian estavam. — Recebam com grande reverência, os escolhidos, herdeiros de todos os povos, detentores do equilíbrio.

Cian e Aisling deram passadas lentas, de mãos dadas, e subiram no grande púlpito no alto da torre.

As milhares de pessoas cantaram os hinos de reverência e quando terminaram, Eimear voltou a falar.

— Eles enfrentaram o próprio povo para chegar até aqui. Quase foram mortos por seres do próprio povo para trazer a paz. — Eimear sorriu, claramente feliz. — E agora, seguirão com o próprio caminho, carregando o legado que lhes foi dado.

Eimear bateu com a ponta da espada no chão e todas as outras deusas fizeram o mesmo.

Naquele instante, um grande dragão surgiu no céu. Tinha a pele negra, os olhos brilhantes.

— Black! — Aisling soube, simplesmente soube, que aquele era o seu amigo, o cãozinho da vida que agora parecia tão distante. — Oh, céus, é o... Black!

O grande dragão rodopiou no céu, abrindo caminho entre as pessoas. Atrás dele, duas pessoas, carregando as coroas, surgiram.

Flya, com os cabelos longos e soltos, quase parecia a

representatividade humana da deusa da natureza. Tinha uma coroa de flores na cabeça e enquanto caminhava, lágrimas escorriam por seus olhos.

Ao avistá-la, Aisling segurou a mão de Cian com mais força. Tremia da cabeça aos pés.

— Me diga que não estou delirando.

— Não, você não está... — Cian se interrompeu e deu dois passos para trás, como se recebesse grande impacto, ao avistar claramente a pessoa que estava ao lado de Flya. — Rian!

Rian, trajando roupas negras com detalhes em ouro, tinha o cajado preso atrás das costas enquanto segurava a coroa com as duas mãos.

O dragão soltou fogo para cima e os milhares de seres aplaudiram, encantados.

— Vocês não sentiram saudades dos seus amigos? — A voz de Eimear soou aos ouvidos de Aisling e Cian. — Podem ir até eles, sequem as lágrimas que atormentam os seus corações.

Ainda de mãos dadas e com lágrimas nos olhos, voaram velozmente, aproximando-se dos amigos.

— Não consigo acreditar... — Aisling se jogou nos braços de Flya, soluçando enquanto chorava de alegria. — Como é possível que...?

— Foram as deusas... — Flya fechou os olhos e agradeceu em silêncio enquanto abraçava Aisling. — Elas decidiram que o nosso retorno seria a recompensa para os escolhidos.

Black, o dragão, aproximou-se de Aisling e abaixou a cabeça, pedindo carinho. E com todo o amor que havia em seu coração, ela também o abraçou, quase incapaz de acreditar que o melhor da sua vida estava de volta. Para sempre.

Cian segurou Rian com os dois braços e voou, rodopiando no ar enquanto gargalhavam juntos, quase como dois garotos em uma montanha

rusa.

— Guardiões... — Lilarian ordenou. — Coloquem as coroas dos escolhidos.

Os milhares se ajoelharam. Primeiro, Rian posicionou a coroa na cabeça do melhor amigo de maneira solene, com lágrimas nos olhos.

— Estou muito orgulhoso de você. — Sussurrou e fez uma reverência, afastando-se.

Em seguida, Flya fez o mesmo, colocando a coroa por cima da tiara que Aisling tinha na cabeça.

— Que você tenha sabedoria e força para representar bem o seu papel de escolhida. — Flya sorriu. — E sempre estarei ao seu lado, para quando você precisar.

— Eu, como porta-voz de todas as deusas, declaro oficialmente o fim da guerra dos mil anos. — Eimear afirmou. — E o início de uma nova era.

Todos aplaudiram. Aisling puxou Cian e o beijou rapidamente, em seguida, os quatro se abraçaram e Black soltou fogo para cima.

Eram família, apesar das diferenças. E não restava dúvida de que o amor era o maior laço que podia existir.

Juntos, reescreveram a história. Agora, ainda juntos, viveriam um novo destino. Em total equilíbrio.



Epílogo

Meses depois...

Os povos estavam em festa. O bebê advindo da união entre Cian e Aisling enfim havia nascido.

Dentro do castelo, nos braços de Aisling, dormia pacificamente, ressonando. Seus cabelos, os poucos que tinha, eram uma mistura de tons de cinza e preto. Os olhos, de um aparente cinza claro, estavam sempre muito vivos.

Quase como uma tempestade, Flya entrou no quarto trazendo um vaso de essências em uma das mãos. Tinha uma flor entre os cabelos e a pele estava bronzeada. A verdade era que Aisling nunca vira a melhor amiga tão feliz, tão repleta de boas energias.

— Trouxe as essências que preparei. Vão limpar as vibrações do quarto e vão ajudar a deixá-la mais relaxada durante a noite. — Flya pousou o vaso em uma das mesas que ficavam perto da janela. — Como está a garota?

Nirsain, esse era o seu nome. E apesar de ser apenas um bebê, já era possível perceber que dali alguns anos, seria uma herdeira muito amada pelos povos. Todos comentavam e muitos mandavam presentes, por mais simples

que fossem.

Milhares de flores, instrumentos musicais, pratos diversos e roupas minúsculas haviam sido depositados nos portões do castelo quando Nirsain nascera.

— Dormindo. Pensei que fosse mais difícil cuidar de um bebê, mas ela é extremamente calma, quase não chora.

— Isso é bom. Ela deve sentir as boas energias e vibrações que todos estão lançando na direção dela. — Flya pegou Nirsain nos braços e a levou para o berço, pousando-a gentilmente. — E como está você?

— Eu me sinto completa, Flya. — Aisling se levantou cuidadosamente da cadeira de balanço em que estava sentada e sorriu. — Sinto que este é o meu lugar, e que a paz que habita dentro de mim é algo que poucos tem a oportunidade de ter em suas vidas.

— Somos pessoas de sorte. Depois que o equilíbrio foi repostado, os povos já estão começando a viver verdadeiramente outra vez. Enquanto caminho entre eles, sinto a esperança crescendo, pulsando. — Flya sorriu e seus olhos brilharam. — Você e Cian trouxeram a possibilidade de um novo futuro para todos.

— Você também foi responsável por isso. — Sentindo uma imensa vontade de demonstrar o afeto que sentia pela amiga, Aisling a puxou para um abraço. — Sou muito feliz porque tenho a sua amizade.

— Sempre terá. Sempre terá.

Ao saírem do quarto, Aisling pediu que uma das mulheres das terras dos sonhos cuidasse de Nirsain enquanto ela caminhava com Flya pelos jardins. Ao longe, Black, o dragão, cortava os céus, correndo livre por toda a área disponível.

Para a surpresa de Aisling e Flya, encontraram com Rian e Cian conversando animadamente debaixo de uma árvore.

— Fique exatamente onde você está... — Rian levantou o cajado e pronunciou algumas palavras, em seguida apontou na direção de Cian.

Em uma explosão, Cian se transformou em um carneiro.

— Deu certo! — Rian deu um soco no ar e soltou uma gargalhada, extremamente satisfeito consigo mesmo.

Horrorizada, Aisling se aproximou ao lado de Flya.

— Eu espero, realmente espero, que você saiba como trazer o meu marido de volta. — Haviam se casado meses antes. Ela olhou na direção de Cian e arregalou os olhos. — Já foi difícil demais me adaptar com as asas. Não poderia me adaptar com ele sendo um carneiro!

Flya precisou apenas estalar os dedos para trazer Cian ao normal.

— Certo, você vai me dizer agora mesmo como conseguiu fazer isso tão rápido. — Rian levantou uma das sobancelhas e apontou o cajado na direção de Flya. — Eu passei dias até descobrir a técnica e você simplesmente estalou os dedos. Não é justo.

Dando de ombros, Flya estalou os dedos transformando Rian em um rato. Estalou novamente e o transformou em porco.

— Oh... — Ironizou, soltando uma gargalhada. — Esqueci que eu só posso usar o feitiço algumas vezes por semana.

Fingindo, movimentou os dedos.

— Não brinque com coisa séria. — Horrorizado, Cian se ajoelhou e pegou o amigo, que havia se transformado em um porco bebê, nos braços. — Vou levá-lo para que algum feiticeiro possa vê-lo.

Cian saiu flutuando com o porco nos braços e Flya, com uma risadinha, estalou os dedos outra vez, trazendo Rian ao normal.

— Diabos! — Gritou, ao longe.

— Voltem, não sejam bebês chorões! — Pediu Aisling, sentando-se ao lado de Flya debaixo da árvore.

O sol brilhava no céu, mas não fazia calor. Havia um vento fresco que refrescava a pele.

Cian e Rian retornaram, bufando de falsa raiva.

— Flya, um dia você irá pagar por todo o sofrimento que me faz passar. — Ele choramingou de forma exagerada, brincando, e em seguida riu.

— Ela é protegida pela deusa da natureza. Você não tem muita chance quando o assunto é transformar pessoas em animais, Rian. — Cian deu tapinhas no ombro do melhor amigo. — Eu sinto muito.

— Eu sou protegido pela deusa do ouro. Se ainda estivéssemos na realidade humana, certamente eu seria o homem mais rico que o planeta Terra já viu.

— Não sinto nenhuma falta do dinheiro. Agora estou podendo escrever as minhas histórias em paz sem ter que me preocupar com as contas no final do mês.

Cian se aproximou e colocou um dos braços ao redor dela, abraçando-a.

— Consequências de se tornar uma princesa... — Comentou ele, sorrindo.

Sem que sequer pedissem, um grupo de elfos se aproximou trazendo diversos cestos com frutas, pães frescos, sucos naturais variados e doces de morango. Abriram um lençol na grama e um deles quebrou o silêncio.

— Pensamos que talvez gostariam de fazer um lanche. O dia está lindo para uma refeição ao ar livre.

Os elfos sempre agiam assim. Tratavam de trazer felicidade a todos que estavam ao redor, sempre preparando presentes e buscando maneiras de serem cada vez mais dóceis e amáveis.

Todos concordaram com a proposta do lanche ao ar livre e, sem esperar por resposta, os elfos arrumaram os alimentos, mostrando toda a

variedade de comida que haviam preparado.

— Vocês vão comer conosco, não vão? — Perguntou Aisling, sentando-se no lençol

— Nós? — Os quatro elfos ficaram surpresos. — Não queremos atrapalhar, nós...

Cian deu um tapinha nas costas de um deles e sorriu.

— Ora, não sejam tão tímidos. Podemos ser irritantes e tolos, mas temos bons corações. Sentem-se e comam conosco, por favor.

— Preciso que vocês me ensinem como prepararam esses docinhos de morango. — Flya começou a conversar com um dos elfos.

Enquanto todos riam e comiam, Aisling olhou e observou. Sentiu uma onda de pertencimento preencher o seu corpo. Gratidão encheu seu coração. Aquela era a vida que ela sonhara para si, a vida que nascera para viver.

Sem medos, sem lágrimas. E ao lado das pessoas que mais amava.

Em silêncio, aconchegou-se em Cian, pousando a cabeça em seu braço e sorriu ao dizer.

— Amo você. — Poder dizer aquilo para o homem dos seus sonhos sem temer perdê-lo era simplesmente maravilhoso.

Cian abriu um enorme sorriso que fez com que ela se perdesse na beleza que ele detinha. Com uma das mãos, entregou um docinho nas mãos dela.

— Eu também amo você, minha querida. — E quanto mais a conhecia, mais a amava. Encantava-se ao observá-la dormir pela manhã, ao seu lado. E os sorrisos dela eram quase como um feitiço, capazes de fazê-lo ficar parado por horas, apenas admirando a expressão de felicidade que agora era tão presente em seu rosto.

Sim, ele a amava. E não havia nada mais puro do que os sentimentos que viviam em seu coração.

Ao longe, a senhora responsável por cuidar de Nirsain se aproximou lentamente, trazendo o bebê consigo.

— Ela acordou. Desculpe incomodar. — Disse, meio sem jeito. — Sinto que quer você.

— Obrigada. — Aisling pegou a filha nos braços e admirou a beleza daquele pequeno ser. — Sente-se e coma conosco.

No instante em que Nirsain sentiu o toque da mãe, se acalmou. Balançou as perninhas em sinal de felicidade. Aparentemente, também adorava a natureza e observar as pessoas.

— Oh, seria uma honra! — A senhora se sentou com os elfos e começou a conversar com Flya e Rian.

Aquilo era família, pensou Aisling enquanto balançava a filha nos braços. A sua família.

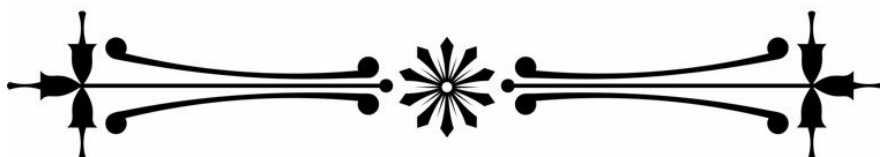
Nirsain segurou-lhe o dedo e sorriu, os olhos brilhantes focando diretamente no rosto dos pais. Cian acariciou a cabecinha da filha e em seguida beijou a bochecha da mulher que amava.

— Obrigado por me fazer o homem mais feliz do mundo. — Sussurrou ele.

— Amo você. — Repetiu ela outra vez. Repetiu porque podia repetir, porque não haviam regras que apresentassem um limite. E repetiu, porque acreditava verdadeiramente que demonstração de afeto era algo que precisava ser feito com frequência. E com sinceridade.

Talvez amor não tivesse formato nem tamanho, mas tinha o rosto de pessoas. E para Aisling, amor representava estar sentada ali, com as flores e as árvores ao seu redor, com os brilhos de sol em sua cabeça e todas aquelas pessoas sorrindo ao seu lado.

Amar era se sentir em casa, mesmo estando em um universo inteiramente diferente.



No panteão, as sete deusas comemoraram. Os povos estavam escrevendo um novo destino, novas histórias seriam vividas e partilhadas.

Com sorrisos nos lábios, uniram as espadas e declararam que a realidade que observavam era boa. E abençoaram todo o futuro que estava por vir.

Fim.

Outros títulos do autor

A maldição de Lady Lancaster

Uma mulher fora dos padrões...

Lady Beatrice Lancaster conhecia a solidão. Durante todos os anos de sua vida, fora ensinada apenas a esconder os próprios segredos e a tratar de se manter invisível aos olhos da crítica sociedade britânica.

Vivendo completamente isolada e sozinha nas terras que herdou de seu pai, parecia-lhe libertador poder ter somente a própria companhia. Mas ao sofrer um acidente e ficar impossibilitada de cuidar das terras Lancaster, seu primo, o duque Adam Lancaster, decide enviar o rancheiro Thomas Jones, ao lado de sua irmã Emma, para auxiliá-la. Mas o que ninguém sabe é que ela nasceu com uma maldição!

Um homem como nenhum outro...

Thomas Jones nunca foi dado aos relacionamentos. Tímido e extremamente focado em cuidar da irmã mais nova, sabia que provavelmente não encontraria a mulher certa tão facilmente. Mas ao conhecer Beatrice Lancaster e admirar as estrelas ao seu lado, muitas das suas convicções parecem mudar em um estalar de dedos...

Neste romance de época apaixonante, permita-se sonhar com a doçura de um novo amor que surge para tentar vencer a dor, o medo e a escuridão!

Nos braços do magnata

Ela precisara fugir do baile antes que ele descobrisse os seus segredos...

Elza Sutherland, exatamente como a Cinderela, fugira antes do fim do baile para não mais voltar, deixando para trás Cameron O'Donnell, o único homem que conseguira fazê-la sentir-se segura. E amada. Na época, soubera que o mundo dele nunca se encaixaria com o seu.

Ele precisava de respostas...

Apesar dos anos, Cameron simplesmente não conseguia tirar Elza dos seus pensamentos. Ela fora a maldita mulher que lhe roubara o coração para destruí-lo logo em seguida. No entanto, mesmo com feridas antigas ainda abertas, talvez tê-la em seus braços uma última vez fosse a única forma de esquecê-la para sempre.

Quando o destino os une outra vez durante um fim de semana em uma ilha paradisíaca, o jogo de sedução torna-se a única maneira de reescrever a história inacabada.

Permita-se seduzir nos braços do magnata, e apaixone-se!

Uma dama nada exemplar

Lady Rebecca Crawford sempre fora considerada uma dama inteiramente inadequada. Com seus modos rebeldes e atitudes estranhas, assustou a praticamente todos os pretendentes que demonstraram interesse nos últimos anos.

Por outro lado, lorde Louis Forster, seu melhor amigo, tornara-se um solteiro convicto. Na verdade, mantinha-se sozinho simplesmente porque achava que a solidão era a sua melhor companhia.

Juntos, formam uma dupla improvável, onde barulho e silêncio se unem na busca pela felicidade. No entanto, às vezes o amor pode surgir nas relações mais inapropriadas... Ou inesperadas.

Entre aventuras e encontros furtivos, o destino de Rebecca Crawford parece guiá-la sempre na direção de dois possíveis caminhos: o de se tornar uma solteirona ou enxergar que o amor está no sorriso cínico ao lado!

Submergir

Ele precisava de um recomeço...

Jung Tae-il conhecera a dor da pior forma. Depois de perder praticamente tudo o que havia de mais importante em sua vida, necessitava buscar maneiras de traçar um novo caminho. E apesar de lutar contra a própria escuridão, parecia afundar-se cada vez mais na impossibilidade de ser feliz outra vez.

Ela representava um recomeço...

Com seu humor caloroso e a incrível capacidade de enxergar as cores mais brilhantes da vida, Sophie Horton parecia reacender a esperança que se apagara no coração de Tae-il. De forma espontânea, trazia exatamente o que ele parecia precisar. No entanto, por trás de todo sorriso brilhante, sempre há a escuridão...

Juntos, precisarão cicatrizar as próprias feridas antes que seja tarde demais. Como esperar um final feliz, se a felicidade já não parece existir? Neste romance sobre segundas chances e esperança, permita-se sonhar com o poder do amor!

Segure a minha mão

Uma amizade interrompida pelo destino...

Ao receber a proposta de estudar em uma grande universidade em Nova York e deixar o Texas para trás, Caim Beresford soube que nada mais em sua vida seria a mesma coisa outra vez. Partiu e não deixou apenas a fazenda que tanto amava, mas também a única garota capaz de enxergar a sua alma.

Um retorno inesperado...

Olívia Woods já não era a garota assustada que ele conhecera ao partir, tornara-se uma mulher forte, lutando diariamente contra os preconceitos que sofria com a sua deficiência visual. No entanto, em um dia que poderia ser tão comum quanto todos os outros, Caim regressa à Cloudford com um propósito importante.

Agora, juntos outra vez, ambos irão perceber que alguns sentimentos nunca morrem.

Será que Olívia seria capaz de confiar outra vez o seu coração nas mãos do único homem com o poder de feri-la?

SIGA O AUTOR NAS REDES SOCIAIS:

FACEBOOK.COM/JhonatasNilsonEscritordeRomances